



COLEÇÃO PROINFANTIL

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Ministério da Educação
Secretaria de Educação a Distância
Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil



COLEÇÃO PROINFANTIL

MÓDULO IV

UNIDADE 7

LIVRO DE ESTUDO - VOL. 2

Karina Rizek Lopes (Org.)
Roseana Pereira Mendes (Org.)
Vitória Líbia Barreto de Faria (Org.)

Brasília 2006

Ficha Catalográfica

L788 Livro de estudo: Módulo IV / Karina Rizek Lopes, Roseana Pereira Mendes, Vitória Líbia Barreto de Faria, organizadoras. – Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006.
78p. (Coleção PROINFANTIL; Unidade 7)

1. Educação de crianças. 2. Programa de Formação de Professores de Educação Infantil. I. Lopes, Karina Rizek. II. Mendes, Roseana Pereira. III. Faria, Vitória Líbia Barreto de.

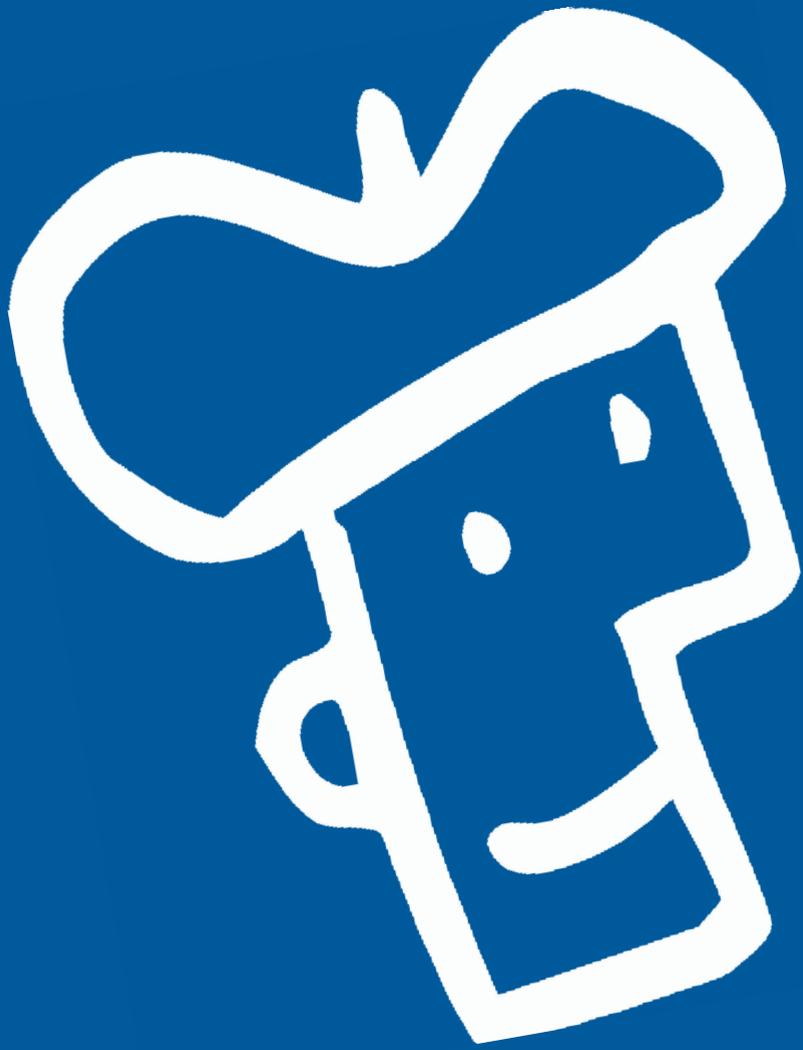
CDD: 372.2

CDU: 372.4

MÓDULO IV

UNIDADE 7

LIVRO DE ESTUDO - VOL. 2



SUMÁRIO

B - ESTUDO DE TEMAS ESPECÍFICOS 8

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

O CONHECIMENTO DO MUNDO SOCIAL E NATURAL..... 9

Seção 1 – O conhecimento do mundo que nos cerca..... 12

Seção 2 – Descobrimo o mundo natural e social através das práticas culturais..... 18

Seção 3 – O papel das instituições de Educação Infantil na apropriação do conhecimento do mundo social e natural 22

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

O TRABALHO COM O CONHECIMENTO DO MUNDO SOCIAL E NATURAL 41

Seção 1 – Transformando a curiosidade infantil em conhecimento cotidiano nas creches, pré-escolas e escolas..... 43

Seção 2 – Estratégias de trabalho pedagógico para o desenvolvimento do conhecimento do mundo social 53

Seção 3 – Estratégias de trabalho pedagógico para apropriação do conhecimento do mundo natural..... 60

C - ATIVIDADES INTEGRADORAS 74

B - ESTUDO DE TEMAS ESPECÍFICOS



FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO O CONHECIMENTO DO MUNDO SOCIAL E NATURAL

- Mas como a senhora sabe que as coisas se passaram assim?
- perguntou Emília. – Quem viu?
- Há dois modos de saber, explicou Dona Benta.
- Um é vendo, pegando, cheirando, quando as coisas estão diante de nós.
- Outro é imaginando, ou adivinhando, ou inferindo.

Monteiro Lobato¹



¹ Conversa entre Dona Benta e Emília, no livro de Monteiro Lobato “Histórias do Mundo para as crianças”, 1992.

ABRINDO NOSSO DIÁLOGO

Prezado(a) professor(a)!

Nesta Unidade 7, com os textos de *Fundamentos da Educação* e de *Organização do Trabalho Pedagógico*, abordaremos as maneiras pelas quais podemos explorar o conhecimento do mundo social e da natureza com as crianças pequenas. Nos outros módulos, você teve a oportunidade de compreender aspectos de como o ser humano se organiza em sociedade, através dos estudos da sociologia e de que maneira as ciências vieram se desenvolvendo. No entanto, é importante refletirmos que, para tentar se organizar em sociedade e descobrir formas de viver com mais conforto e segurança, na maioria das vezes, o homem tem desenvolvido uma relação de depredação da natureza e de exploração do outro ser humano.

Na sede de produzir riquezas e de acumular bens materiais, temos visto as grandes corporações tratarem o planeta como uma mercadoria a ser explorada e o ser humano como um agente gerador de lucros e não como um cidadão de direitos, em desenvolvimento. Com isso, chegamos ao final do século XX com a difícil tarefa de nos sensibilizarmos para a situação em que se encontram tanto as pessoas quanto o meio ambiente, ao mesmo tempo, com a tarefa de interferirmos para que as novas gerações possam se relacionar de forma mais positiva com o mundo em que vivemos. A sobrevivência de nossa espécie depende do respeito e de ações concretas que busquem um **desenvolvimento social sustentável**. Depende de acreditarmos na possibilidade de um presente e um futuro melhor!

Nunca pare de sonhar

*Ontem um menino que brincava me falou
Hoje é semente do amanhã
Para não ter medo que este tempo vai passar
Não se desespere e nem pare de sonhar
Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs
Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar
Fé na vida, fé no homem, fé no que virá
Nós podemos tudo, nós podemos mais*

Gonzaguinha

E é aí que você entra, como alguém importante que está junto às crianças de 0

a 6 anos, ajudando na construção de uma nova mentalidade acerca das relações homem/sociedade/natureza. Valores como respeito pelo outro, pelo mundo que nos cerca e busca de soluções para os problemas que enfrentamos no dia-a-dia se constroem desde cedo.

Compreender também como foram produzidos conhecimentos sobre o funcionamento da sociedade e sobre os mistérios que habitam a natureza é importante para você que trabalha com essa faixa etária. Sabe por quê? Porque, de uma maneira ou de outra, a criança também explora o mundo que está ao seu redor, da mesma maneira como fizeram nossos antepassados e como fazem os cientistas modernos. Iremos tentar compreender, além disso, como as ciências e a tecnologia atuam de maneira integrada com a sociedade tanto para seu benefício, criando um ambiente mais favorável para vivermos, quanto para seus malefícios advindos de uma exploração depredadora. No final deste texto, iremos explorar qual é o papel das instituições de Educação Infantil na construção desse conhecimento.

DEFININDO NOSSO PONTO DE CHEGADA

O que pretendemos discutir neste texto denominado “O conhecimento do mundo natural e social”?

Desejamos que ao longo deste texto você possa:

- 1. Identificar aspectos da produção cultural, mostrando como as pessoas estão inseridas em sociedades e no mundo natural desde que nascem.*
- 2. Relacionar a atividade de conhecer à necessidade que o ser humano tem de atribuir significados às suas experiências.*
- 3. Identificar a função da creche, pré-escola e da escola no desenvolvimento do conhecimento social e da natureza*

CONSTRUINDO NOSSA APRENDIZAGEM

Neste texto, o percurso proposto será o seguinte: na Seção 1, procuraremos compreender como o ser humano vem desenvolvendo as ciências e as tecnologias, seus benefícios, seus efeitos, suas limitações; na Seção 2, iremos entender como o conhecimento é produzido em uma interação constante com as práticas sociais; e, na Seção 3, vamos explorar o papel das instituições de Educação Infantil na construção do conhecimento social e natural.

Seção 1 – O conhecimento do mundo que nos cerca

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:

- IDENTIFICAR ASPECTOS DA PRODUÇÃO CULTURAL, MOSTRANDO COMO AS PESSOAS ESTÃO INSERIDAS EM SOCIEDADES E NO MUNDO NATURAL DESDE QUE NASCEM.

A sobrevivência do ser humano, desde os primórdios, está atrelada tanto aos conhecimentos que adquire sobre o ambiente que o cerca quanto à busca de um controle da natureza. Para que isso pudesse acontecer, o ser humano teve que desenvolver sua capacidade de viver em sociedade. O homem é, portanto, um animal social, ou seja, não é capaz de viver isoladamente. As ações humanas fazem parte de uma coletividade que procura, de maneira geral, construir um bem social mais amplo.

A criança, desde seu nascimento, possui uma tarefa semelhante. Como já nasce em um mundo organizado socialmente e com uma vasta produção cultural, esse contexto, por um lado, já define muito do que a criança é.

A imersão num lugar, numa cultura, aparece na poesia de Thiago de Mello. O poeta traz suas raízes, seu chão que o fez filho da floresta e que explicam muito do que ele é:

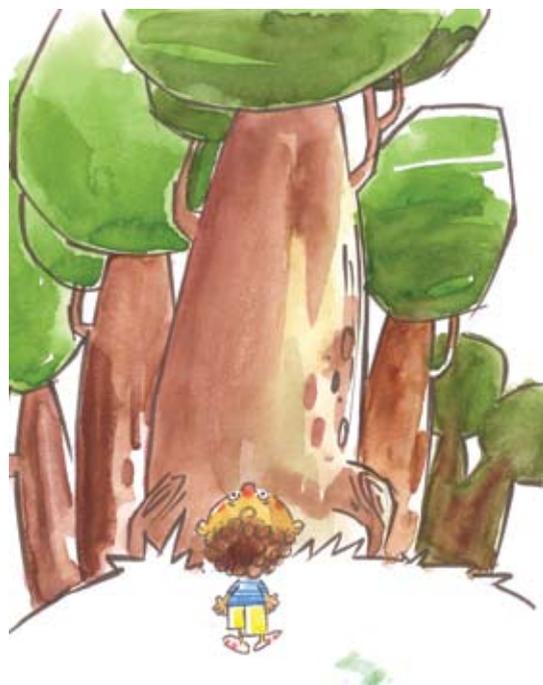
Filho da floresta, água e madeira

*Filho da floresta,
água e madeira
vão na luz dos meus olhos,
e explicam este jeito meu de amar as estrelas
e de carregar nos ombros a esperança.
(...)*

*Me fiz gente no meio de madeira,
as achas encharcadas, lenha verde,
minha mãe reclamava da fumaça.*

*Na verdade abri os olhos vendo madeira,
o belo madeirame de itaúba
da casa do meu avô no Bom Socorro,
onde meu pai nasceu
e onde eu também nasci.
(...)*

www.secrel.com.br/jpoesia/tmello01b



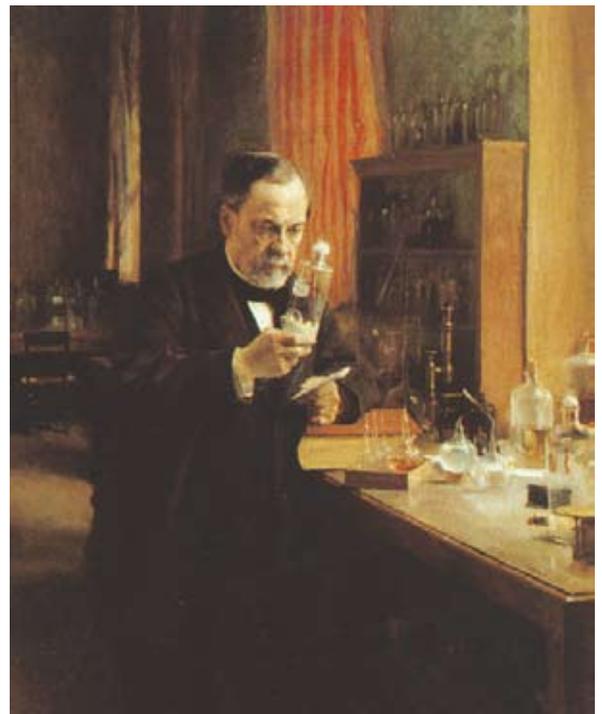
Thiago de Mello nasceu na cidade de Barreirinha, no coração do Amazonas, no dia 30 de março de 1926. Em Manaus, capital do estado, fez seus primeiros estudos. Mudou-se para o Rio de Janeiro (RJ), onde cursou a Faculdade de Medicina até o quarto ano. Acabou optando por deixar os estudos médicos e dedicou-se à poesia. Thiago de Mello é conhecido internacionalmente por sua luta em prol dos direitos humanos, pela ecologia e pela paz mundial.

Se, por um lado, a criança nasce numa cultura que diz muito do que ela é, por outro lado, ao entrar no mundo e ao agir, a criança também tem o poder de modificar o ambiente em que vive. Portanto, a história humana vem sendo produzida pelo movimento entre essas duas forças: de um lado a sociedade, da forma como já está organizada, nos limita e nos impõe condições; por outro, pela nossa capacidade de agir, ampliamos nossos horizontes e modificamos o curso dos acontecimentos.

Vamos entender melhor essa idéia através de um exemplo. Muitas vezes pensamos que os cientistas que descobrem coisas importantes ou mesmo inventam novas tecnologias são gênios que receberam uma iluminação vinda do além. Nada disso. São pessoas persistentes que não têm medo de errar e que enfrentam aquela angústia de não saber direito se estão certos ou não. São pessoas influenciadas pelo momento em que vivem e pelo grupo social a que pertencem e suas tensões.

Vejamos, por exemplo, a história de Louis Pasteur. Ele era francês e viveu entre 1822 e 1895. Naquela época, as pessoas tinham uma vaga idéia sobre a existência dos microorganismos, ou seja, os vírus e as bactérias, que não podem ser vistos a olho nu. Mas, no entanto, uma questão ficava no ar: será que esses microorganismos nascem do nada ou são produzidos por outros micróbios?

Havia uma crença naquilo que se chamava de “geração espontânea”, ou seja, de que os micróbios seriam gerados espontaneamente, sem necessidade de haver contato com outros micróbios. Pasteur entrou no meio desse debate e teve como desafio provar sua idéia, a de que os microorganismos não nasciam espontaneamente, mas eram gerados por outros microorganismos que estavam no ar. Essa idéia teve conseqüências importantes na explicação da proliferação

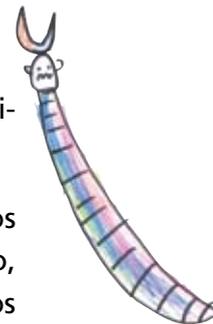


Albert Edelfelt, “Louis Pasteur” – 1885

das doenças. Se os micróbios estavam no ar, era necessário que as pessoas cuidassem da higiene para não ficarem doentes.

Sua briga se estendeu para as práticas de medicina. Naquela época, os médicos não se preocupavam com a higienização dentro dos hospitais. Pasteur, então, procurou fazer com que os médicos da época entendessem que esses micróbios provocavam doenças. Mudar essa tradição não foi coisa fácil. Suas descobertas entravam em choque com uma prática social há muito instalada nas comunidades do seu tempo. Foi preciso muita energia para provar que suas descobertas eram mesmo verdadeiras.

Com esse exemplo, queremos mostrar que a produção do conhecimento é algo que se faz em um tempo histórico, que sofre todas as influências da sociedade da época e que os grandes pesquisadores são pessoas que lutam pelas suas idéias e muitas vezes enfrentam a descrença e o desprezo de seus contemporâneos. Mas eles têm uma atitude bem semelhante àquela da criança pequena: não se cansam de perguntar sobre os mistérios que os rodeiam e não se intimidam diante de seus insucessos.



ATIVIDADE 1

a) *Pense nas grandes descobertas de que você já ouviu falar. Faça uma lista de, pelo menos, três grandes descobertas que mudaram o rumo da história da humanidade. Procure consultar livros que contam um pouco da história ou da biografia desses grandes cientistas. Destaque elementos que mostrem o que esse conhecimento gerou na sociedade da época. Você pode consultar também os Guias de Estudo do PROINFANTIL relativos às ciências naturais.*

O fato de o ser humano se perguntar sobre os mistérios da natureza e sobre a melhor forma de viver em sociedade fez com que ele organizasse as possíveis respostas através de várias maneiras: pelos mitos, pelas histórias, pelas artes e pelo conhecimento científico.

Desde que o homem é homem, algumas questões nos intrigam de maneira peculiar: Quem somos nós? Como surgiu o universo? Como o ser humano organiza um mundo que, a princípio, é caótico? Essas são questões que vêm sendo respondidas de diversas maneiras, mas que permanecem como um grande mistério até os dias de hoje. Filósofos, antropólogos, arqueólogos, físicos, psicólogos, teólogos e tantos outros tentaram e ainda tentam construir explicações sobre essas questões, embora o mistério ainda permaneça.

Por outro lado, em nosso cotidiano, estamos, a todo o momento, formulando respostas para essas perguntas, baseadas em outros princípios: crenças, valores, maneiras de ver a vida. Cada povo, dentro de determinada perspectiva cultural, busca encontrar o sentido da vida nas pequenas ou grandes evidências que a própria vida nos traz. Isso acontece porque o ser humano tem essa característica: é um “sujeito perguntador e pesquisador”.



Eugênio Sávio

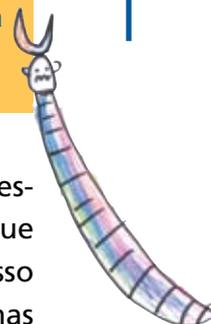
E isso se manifesta desde o momento em que o bebê nasce, porque é uma característica humana. A princípio, a pergunta vem em forma de ação. A criança bem pequena olha, mexe e, quando cresce um pouco, começa a perguntar sobre tudo. Você, como professor(a), vive essa situação em seu cotidiano, não é?

Na **Antigüidade**, por exemplo, antes mesmo do surgimento da filosofia, os povos buscavam compreender suas origens através dos mitos. Alguns mitos, surgidos na Grécia Antiga, por exemplo, tentavam explicar a origem do mundo:

Urano (céu) se une a Géia (Terra), de onde nasce uma grande descendência: os Titãs, as Titânidas, os Ciclopes etc. A união de Urano e Géia configurou-se como um casamento sagrado, cujo objetivo foi o de fertilizar a mulher, os animais e a Terra. Dessa união também nasceu Zeus (a autoridade) e Têmis (a justiça, a ordem eterna). Da união dos dois nasceu Eunomia (a disciplina), Irene (a paz) e Dique (a justiça). Essas e outras histórias da mitologia grega estão no livro “O Minotauro”, de Monteiro Lobato.

Como podemos ver, através da criação de histórias – neste caso, os mitos –, mesmo antes de a filosofia surgir, o homem já buscava explicar o mundo em que vivia. Essa forma de explicar a vida através do mito não tem um compromisso com a verdade e com a racionalidade. As histórias míticas são fantasiosas, mas tentam buscar um sentido para a existência humana.

Com o surgimento da filosofia, um novo caminho se abriu. As questões passaram a ser debatidas de uma forma racional e as respostas foram construídas paulatinamente. A filosofia buscava um compromisso com a verdade, procurando explicações racionais para as questões postas pela humanidade.



Podemos ilustrar o nível do debate entre os grandes filósofos quando pensamos quantos séculos foram necessários para se chegar à conclusão de que a Terra não era o centro do universo. Em 300 anos a.C., Aristarco de Samos (310 a.C a 230 a.C.), filósofo grego, construiu um modelo para explicar como a Terra girava em torno do sol. Seu modelo, no entanto, não foi aceito pelos seguidores dos filósofos mais famosos, como Platão e Aristóteles, que afirmavam que a Terra era o centro do universo e o sol girava em torno dela. Essa idéia era baseada na experiência cotidiana, ou seja, o que vemos com nossos olhos é o sol girando em volta da Terra.

Essa história prevaleceu ainda por muitos séculos. Só por volta de 1500 d.C que Copérnico (1473-1543), astrônomo polonês, retomou essa questão e desenvolveu o modelo de Aristarco. Ele também acreditava que era a Terra que girava em torno do sol e não o contrário. Essa idéia acabou sendo defendida por outros grandes filósofos, como Galileu Galilei (1564-1642), professor de matemática, Johanm Kepler (1571-1630), astrônomo alemão, e Giordano Bruno (1548-1600), filósofo italiano que foi condenado pela Santa Inquisição a morrer na fogueira, por princípios contrários aos defendidos naquele momento pela Igreja Católica. Somente a partir de 1700, filósofos como Descartes, Isac Newton e outros reconstruíram essa idéia e conseguiram torná-la convincente.

Como você pode ver, mais de 2000 anos foram necessários para que uma descoberta fosse compreendida, trabalhada e aceita pela humanidade. Um conhecimento que hoje é considerado banal foi construído através de muitas lutas e, até mesmo, muitas mortes. O conhecimento, portanto, não é algo que “ilumina” a cabeça de pessoas geniais, mas é fruto de trabalho, persistência e coragem. E também não é construído linearmente, passo a passo, como muitas vezes aprendemos na escola. Nesse exemplo, da descoberta de que a Terra é que gira em torno do sol, você pode perceber que as idéias vão e voltam.

Mas por que essa discussão é importante para você que trabalha com a criança de 0 a 6 anos? Porque a criança vive hoje em um mundo repleto de produções culturais e, como professor(a), é importante compreender quem é a criança, ajudando-a a dar os primeiros passos na construção de sua identidade. E, como temos visto, a identidade é construída no confronto com o outro, com o mundo cultural e natural no qual estamos envolvidos. Para se situar como pessoa, a criança necessita compreender o lugar em que vive, os papéis sociais das pessoas que estão à sua volta, compreender os mistérios da natureza e se distinguir entre os outros seres vivos que habitam esse planeta.

Nas instituições de Educação Infantil, essas questões aparecem nas perguntas e mesmo nas brincadeiras em que as crianças se envolvem. Você, provavelmente, já vivenciou inúmeras situações em que as crianças brincam de casinha e reproduzem “cenas” do cotidiano em que vivem. Como estudamos na Unidade 7 do Módulo II, no texto de FE, nesses momentos, o que as crianças estão tentando fazer é compreender por que pais, mães e professores(as) se comportam daquela maneira. Revivendo as “cenas” e



Priscilla Silva Nogueira

modificando-as a seu “bel prazer”, as crianças tentam dar um significado à sua existência. Portanto, quanto mais você compreender a sociedade em que vive, melhores condições terá de ajudar as crianças nas suas interações.

O conhecimento do mundo social e natural pode ser compreendido, de uma maneira genérica, em duas dimensões que não se excluem, mas se complementam. A primeira delas refere-se ao conhecimento que construímos no nosso cotidiano. Vivendo em sociedade, aprendemos a nos comportar, a nos relacionar em diferentes ambientes e a usar uma tecnologia básica que está a nosso dispor. Conhecimentos que acumulamos com o passar dos anos e que vão nos constituindo como pessoas. Esses modos de ver e saber o mundo estão presentes nas poesias de Cora Coralina, poetisa goiana que você já conhece de outros textos:

Aquela gente antiga – I

Aquela gente antiga era sábia e sagaz, dominante.

“Criançada, para dentro,” quando a gente queria é brincar.

Isto no melhor do pique.

“Já falei que o sereno da boca da noite faz mal”...

Como sabiam com tanta segurança e autoridade?

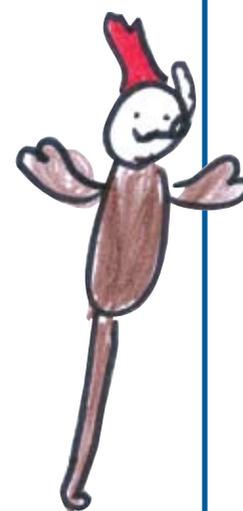
Eram peritas em classificar as frutas: Quente, fria e reimosa.

Quente, abriam perebas nas pernas, na cabeça, pelos braços.

Fria, encatarroava, dava bronquite.

Reimosa, trazia macutena.

(CORALINA, Cora. 1985. p. 51)



A segunda dimensão refere-se ao conhecimento que os seres humanos acumularam durante séculos e que nos é repassado através da escola e de outros meios, como o trabalho, os livros e outros bancos de dados. Esses conhecimentos sobre o mundo que nos cerca são fundamentais para nosso desenvolvimento e para darmos significado à nossa existência.

ATIVIDADE 2

Nesta seção, procuramos compreender como o ser humano desenvolveu as ciências e as tecnologias, na tentativa de compreender o mundo em que vive e construir um mundo melhor.

Na Atividade 1, você relacionou algumas descobertas científicas. Agora, pense em outros conhecimentos construídos no cotidiano e que influenciam o seu modo de ser e agir no meio em que vive; alguma explicação sobre o mundo natural e social que seja do **senso comum**.

Seção 2 – Descobrimo o mundo natural e social através das práticas culturais

OBJETIVO DESTA SEÇÃO:

- RELACIONAR A ATIVIDADE DE CONHECER À NECESSIDADE QUE O SER HUMANO TEM DE ATRIBUIR SIGNIFICADOS ÀS SUAS EXPERIÊNCIAS.



Como vimos na seção anterior, o ser humano está comprometido com seu próprio desenvolvimento e com o desenvolvimento social. E essa idéia é tão básica que alguns psicólogos que viveram no início do século XX, como Vygotsky e seus colaboradores, perceberam que era impossível estudar o ser humano desvinculado de seu meio social, de sua cultura. Você estudou essa corrente de pensamento nas Unidades 1 e 2 do Módulo II. Pois, então, podemos agora relacionar o que aprendemos sobre a história do desenvolvimento social com a maneira como cada um de nós se desenvolve em sociedade.

Segundo esses pesquisadores, nós nos tornamos humanos fazendo parte da cultura. O que isso significa realmente? Afinal, não nascemos humanos porque temos todas as características biológicas de um ser humano: olhos, boca, nariz, braços, pernas? Como é então que nos tornamos humanos fazendo parte da cultura?

Realmente, através da nossa herança biológica, somos habilitados a fazer muita coisa. Nascemos com um **aparato biológico** que nos permite executar as funções básicas de sobrevivência, como respirar, comer, dormir, sentir frio ou calor e mesmo reagir às situações prazerosas ou desconfortantes. Nascemos também com estruturas potenciais para o desenvolvimento de várias habilidades, como andar, falar, pensar.

No entanto, essas funções básicas, que são espontâneas e sobre as quais não temos um controle consciente, só se desenvolvem e se modificam na presença da cultura. Podemos dizer o mesmo em relação a essas habilidades. Mas como essas funções e habilidades podem ser modificadas pelo contato com os outros seres humanos? Bom, para ilustrar o que estamos querendo dizer, vamos apresentar duas histórias verdadeiras. A primeira, de duas crianças que foram deixadas nas florestas da Índia e, a outra, de um menino achado em uma floresta em Aveyron, na França.

1. Meninas lobo

Numa floresta da Índia foram encontradas, em 1920, duas crianças de 8 e 1 ano e meio, respectivamente. Essas meninas foram abandonadas numa tenra idade nessa floresta e criadas por lobos que ali viviam. Ao serem encontradas, foram levadas a uma instituição que passou a se responsabilizar pelos cuidados de ambas.



Não sorriam, não choravam, não falavam. Seus corpos desenvolveram habilidades para a sobrevivência na selva e seus membros assemelhavam-se ao dos lobos: tinham pernas e braços finos e longos, mãos curvas e fechadas. Não conseguiam andar apenas com os dois pés.

Para pequenas caminhadas, utilizavam-se dos joelhos e cotovelos. Para trajetos longos usavam mãos e pés. Comiam e bebiam como animais: apreciavam apenas carne crua ou podre. Tinham hábitos noturnos. Dormiam todo o dia e uivavam à noite.

Ao serem recolhidas, foram nomeadas Amala e Camala. Amala, a menor delas, morreu um ano após a entrada na instituição. Camala viveu durante nove anos, onde foi humanizando-se progressivamente.

Camala demorou 6 anos para aprender a andar sobre dois pés. Suas atitudes afetivas foram se desenvolvendo lentamente. Chorou pela primeira vez quando Amala morreu, e aos poucos aprendeu a sorrir. Sua inteligência permitia-lhe comunicar-se por gestos e, perto de sua morte, já podia se expressar através da linguagem. Adquiriu um vocabulário de 50 palavras aproximadamente. Camala pôde construir alguns significados sobre a cultura humana, mas, sob stress ou depressão, voltava a ter comportamentos mais elementares uivando e isolando-se.

Segundo o autor, muitas crianças ainda são abandonadas nas florestas da Índia. A sobrevivência dessas crianças depende, em muito, da boa vontade das "mamães lobas".

Adaptação do livro: *Filosofando: introdução à filosofia*, de Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena P. Martins, 1999.

2. O menino selvagem

Na França, no final do século XVIII, em 1797, um menino com cerca de 12 anos de idade foi encontrado na floresta de Aveyron por alguns caçadores. O menino vivia como selvagem, sem saber andar, falar ou se expressar como um ser humano, por nunca ter convivido com ninguém da sua espécie. Encaminhado a um manicômio em Paris, o menino ficou sob os cuidados do médico Jean Itard, que lhe deu o nome de Victor de Aveyron. Itard acreditava que poderia sociabilizar o menino, em oposição aos acadêmicos da época que lhe reservavam um tratamento bestial. Itard ensina Victor a se comunicar com o mundo através de gestos e sinais, embora nunca tenha conseguido ensinar o menino a falar. Jean Itard registrou essa história no livro "L'infant sauvage d'Aveyron". Em 1969, o cineasta francês François Truffaut transforma essa história no belíssimo filme: "L'infant sauvage" (O menino selvagem). O papel de Jean Itard é vivido pelo próprio Truffaut.



Victor (Jean-Pierre Cargol) e Jean Itard (François Truffaut) em uma cena do filme

Esses exemplos deixam clara a importância do meio cultural para o desenvolvimento de práticas humanas dentre as pessoas de nossa espécie. Comer, dormir e caminhar estão presentes em nosso código genético. No entanto, a forma como

comemos, a escolha dos alimentos, depende do processo de humanização que se realiza na cultura. Até mesmo algo tão primitivo como sorrir é aprendido na comunidade humana.

Bem, vimos até aqui o quanto a humanidade vem se desenvolvendo ao longo dos tempos e que os desenvolvimentos tecnológico, científico e social caminham lado a lado, um constituindo o outro. Vimos, ainda, que os seres humanos precisam uns dos outros para sobreviver e que é na relação com as outras pessoas que nos tornamos humanos. E quando nos deparamos com a complexidade do mundo em que vivemos, percebemos que nossa responsabilidade enquanto professores(as) cresceu muito. Se pensarmos que as crianças com as quais trabalhamos entram para a instituição educativa desde cedo, temos um papel importante no seu processo de humanização desde as práticas sociais, que podemos considerar como as mais simples, até na compreensão de questões que consideramos mais complexas, como aquelas relativas ao conhecimento tecnológico e científico.

Repare em algo bem simples: a hora do lanche num grupo de crianças de 2 anos na creche. Se olharmos para essa cena de forma rápida, o que podemos ver são crianças comendo, se lambuzando, fazendo bagunça, jogando comida para todo lado. Se, no entanto, estamos mais conscientes de nosso papel enquanto educadores(as), toda a cena se transforma. Vemos seres humanos, com aproximadamente 2 anos de vida, inseridos na cultura, tentando se apropriar de um ritual próprio do grupo social a que pertencem.



As crianças procuram se ajustar aos instrumentos culturais produzidos e modificados desde a Antigüidade (pratos, talheres, copos, guardanapos e, se fosse na China, cumbucas e pauzinhos), de forma a poderem participar do ritual (a hora do lanche). Como pessoas experientes, nós, professores(as), temos um papel fundamental: ajudar os iniciantes (as crianças) a aprenderem esse novo ritual que é compartilhado por todos da instituição. Dessa forma, podemos perceber que as tarefas mais simples têm um sentido profundo dentro da comunidade na qual estamos imersos. Cada momento vivido junto com as crianças traz uma nova forma de ver o mundo, tanto para elas quanto para os educadores(as) envolvidos(as). Esse processo começa em casa, com a família, aparece na escola de forma modificada e continua a ser vivenciado em casa, mesmo depois do ingresso da criança na creche, pré-escola ou na escola.



ATIVIDADE 3

As crianças com as quais você trabalha têm em comum o fato de freqüentarem a mesma instituição educativa. Isso faz com que elas sejam membros de um mesmo grupo social. Agora contemple, mentalmente, cada uma delas. Tente identificar os grupos aos quais elas pertencem fora da creche, pré-escola ou escola. Quais as práticas sociais que elas vivenciam nesses grupos? Que influências recebem da cultura na qual estão inseridas?

Seção 3 – O papel das instituições de Educação Infantil na apropriação do conhecimento do mundo social e natural

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:

- IDENTIFICAR A FUNÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL NA APROPRIAÇÃO DO CONHECIMENTO DO MUNDO SOCIAL E NATURAL.

Vivemos em um mundo onde existem cada vez mais coisas a serem conhecidas. E a escola, como um espaço próprio para a divulgação e apropriação desses conhecimentos, tem falhado na construção de uma visão crítica que nos ajude a distinguir o que é essencial ser conhecido para fazer diferença em nossa vida coletiva. Preocupada com o índice de aprovação e com a preparação dos estudantes para os mais diversos testes, a maioria das escolas tem se afastado de seu objetivo principal, que é a formação dos alunos, e tem tratado o conhecimento como uma mercadoria que se compra e vende. De modo geral, esse modelo tem sido apropriado por muitas instituições de Educação Infantil que adotam livros didáticos, até mesmo para crianças de 2 e 3 anos, desenvolvendo um trabalho muito mais centrado no conteúdo do que na experiência das crianças com o mundo que as cerca.

Isso tem conseqüências sérias quando pensamos que uma educação alienada acaba se vinculando com um desenvolvimento científico e tecnológico voltado para a destruição do nosso planeta. Determinados grupos sociais, cujo interesse é o poder acima de tudo, vêm, ao longo dos anos, utilizando-se do desenvolvimento científico e tecnológico para, direta ou indiretamente, promover guerras, poluir as águas, o ar, desrespeitar os direitos humanos. Então, para nós que buscamos facilitar o encontro das crianças com o conhecimento do mundo social e natural, ficam algumas perguntas:

- Como veicular um conhecimento que esteja articulado com a vida das pessoas e que ajude a construir a justiça social?
- Como não ser cúmplice das atrocidades que temos assistido nos dias de hoje e promover uma educação de qualidade desde a tenra infância?

Em se tratando de refletir sobre a melhor maneira de se trabalhar com o conhecimento do mundo social e natural com as crianças pequenas, temos, em mãos, um “prato cheio”. Que escolhas podemos fazer nesse momento inicial, quando as crianças de 0 a 6 anos procuram dar um significado ao mundo em que vivem? É possível desenvolver nelas um olhar que respeite a integração do homem com a natureza, ao invés de pensá-la apenas como uma matéria prima que se utiliza em benefício próprio? De que maneira podemos investir em uma educação que desenvolva nas crianças o sentimento de respeito e reverência à natureza, de cuidado com o outro e com o ambiente em que vivemos?



Copyright © 2000 Maurício de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6966

O propósito desta seção é discutir a função das creches, pré-escolas e escolas no desenvolvimento do conhecimento do mundo natural e social. Temos clareza de que esse tipo de conhecimento não pode ser empacotado e entregue às crianças, apartado de sua vivência no mundo, assim como também não podemos tratar desse conhecimento desvinculado das questões que ameaçam nosso planeta. Por outro lado, com crianças tão pequenas, esse conhecimento emerge de uma vivência em práticas coletivas em que a curiosidade sobre o mundo social e natural pode ser estimulada, ao mesmo tempo em que se desenvolve um profundo respeito pelas relações que o homem estabelece com a natureza. O que uma educação social e científica nessa faixa etária pode promover é uma expansão das possibilidades de ação da criança no mundo que a rodeia. E é sobre isso que iremos discutir nas próximas páginas.

Estamos, então, nos referindo aos dois lados de uma mesma moeda: de um lado o conhecimento que já circula no meio social, de outro, a criança que se engaja em atividades e, através de suas ações, vai construindo novos recursos que a auxiliam a compreender melhor o mundo em que vive. Vamos refletir, agora, sobre alguns aspectos da aprendizagem das crianças, quando envolvidas em atividades de exploração do mundo natural e social.



ATIVIDADE 4

Observe uma situação que ocorre com seu grupo de crianças: pode ser uma brincadeira espontânea, uma atividade programada por você ou mesmo outra que se desenvolve a partir da curiosidade do grupo de crianças. Faça um registro dessa atividade de forma bem minuciosa. Depois, tente responder à seguinte questão: o que você percebe que as crianças aprendem quando estão envolvidas nessa atividade? Será interessante compartilhar essa observação no encontro quinzenal.

A criança pequena pode e deve ter acesso ao conhecimento do mundo natural e social e, de certa forma, já o faz espontaneamente através das brincadeiras infantis e das práticas sociais que vivencia cotidianamente. Mas um aspecto importante a considerar seria compreender de que maneira a criança bem pequena aprende. Dissemos, anteriormente, que não é retendo conteúdos que a criança vai aprender a lidar com o mundo social e natural. Então, como será que essas coisas acontecem?

No Módulo II, quando estudamos desenvolvimento e aprendizagem, pudemos ver que o processo de aprendizagem é algo complexo e que ocorre quando as crianças se engajam em atividades práticas coletivas, se utilizam dos recursos disponíveis e modificam sua forma de participar em seu grupo social. Mas em se tratando da aquisição do conhecimento do mundo social e natural, em que situações podemos identificar indícios desse processo de aprendizagem?

Dentre os diferentes modos que a criança tem de conhecer sua realidade, vamos abordar aqui três maneiras que são mais visíveis no cotidiano da creche, pré-escola ou escola:

- As crianças aprendem quando brincam com outras crianças.
- As crianças aprendem quando participam de atividades programadas pelos(as) professores(as).
- As crianças aprendem quando são desafiadas a dar respostas para questões que elas mesmas se colocam.

Vamos abordar cada uma dessas afirmativas para ajudar você a reconhecer essas formas de aprendizagem em sua própria prática pedagógica.

1. As crianças aprendem quando brincam com outras crianças

André Henri Dargelas nasceu em Bordeaux, na França, em 11 de outubro de 1828. Dargelas foi influenciado pelo Realismo, um movimento que começou na França no início do século XIX. Os artistas do Realismo pintavam as cenas do cotidiano. Dargelas escolheu a inocência da infância e a vida em família como temas principais.

André Henri Dargelas morreu em junho de 1906.



André Henri Dargelas, "A família feliz"

Podemos acompanhar um grupo de crianças explorando o mundo que está à sua volta quando brincam de faz-de-conta. No Módulo II, principalmente, estudamos o valor da brincadeira e de como ela é a expressão mais genuína do ser criança. Aqui, portanto, vamos abordar um outro aspecto da brincadeira. Vamos mostrar como as crianças vão, através dela, prestando atenção ao mundo social em que estão inseridas, ao mesmo tempo em que buscam organizá-lo. Tomemos, por exemplo, a brincadeira de casinha. Vocês já repararam que brincando de casinha as crianças reproduzem ao mesmo tempo em que produzem seu ambiente sociocultural? No quadro a seguir, trazemos uma observação feita em Belo Horizonte das brincadeiras de crianças de 6 anos:

Numa brincadeira de um grupo de crianças de 6 anos, que habitavam uma região extremamente pobre de Belo Horizonte, os papéis de pai e mãe eram bastante representativos da vivência daquelas crianças. Na brincadeira, as crianças representavam as mulheres fazendo seus afazeres domésticos, cuidando dos filhos, enquanto na representação dos homens



sempre havia a ida aos bares depois do trabalho. Uma cena que se repetia constantemente era a das meninas se juntarem para buscar seus "maridos" que, a essa hora, já estavam "embriagados" nos bares. Esta cena se repetia a cada brincadeira das crianças. Mas essa era uma repetição ativa, ou seja, a cada nova cena construída, as crianças recriavam aspectos do que estava sendo vivenciado. Ora experimentavam soluções diferentes para convencer seus "maridos" a voltarem para casa, ora exprimiam seus desejos. Através da composição desse cenário, as crianças tentavam entender os papéis sociais de pai e mãe dentro da comunidade, ao mesmo tempo em que experimentavam algo novo quando esses papéis eram recriados conforme seus desejos. Naquela comunidade, o grau de alcoolismo entre os homens era bastante elevado.

Essas questões estão presentes na vida das crianças. Na verdade, existem algumas perguntas que estão sendo feitas nesse momento: por que os pais agem daquela maneira? Os papéis de homem e mulher são definidos pela forma de viver em sociedade? Existem outras formas de organização familiar diferente daquela? Se soubermos compreender as perguntas das crianças, que não são verbalizadas, mas que aparecem no seu brincar cotidiano, podemos ajudá-las a dar sentido ao mundo que as cerca. Os indícios de aprendizagem, nesse exemplo, aparecem quando as crianças repetem a cena – no sentido de compreender as relações sociais e afetivas que ela representa – e a recriam, utilizando os recursos disponíveis para modificar sua forma de estar no mundo.

2. As crianças aprendem quando participam de atividades programadas pelos(as) professores(as)

A segunda forma de aprender ocorre, por exemplo, quando os(as) professores(as) organizam atividades coletivas de observação do mundo da natureza. Um passeio ao parque para observar a vida animal é uma atividade que crianças desde 2 anos se engajam com prazer. Observar o **ecossistema** ao redor de uma grande árvore, por exemplo, já dá “pano pra manga”. Quantas formigas, minhocas e outros insetos convivem pacificamente com os passarinhos que fazem seus ninhos nas árvores, com esquilos, que, porventura, buscam no seu fruto, alimento para sobreviver? A observação, a conversa, o desenho, seguido de busca de informação em livros que estejam disponíveis ou com outras pessoas e profissionais, são ações que aguçam a capacidade de observar, perguntar, registrar e conhecer o mundo da natureza. Discutir a ação predatória do homem quando corta árvores indiscriminadamente e plantar árvores no bairro são ações que ajudam a construir um compromisso com a manutenção do ecossistema e uma relação de respeito com o meio ambiente.



Copyright © 2000 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6965

ATIVIDADE 5

Na sua creche, pré-escola, escola ou comunidade tem sido realizado algum movimento que leve em consideração a necessidade de construirmos um compromisso com a manutenção do ecossistema e uma relação de respeito com o meio ambiente?

Se tem acontecido, qual tem sido a participação das crianças da sua creche, pré-escola ou escola?

O conhecimento do mundo social e natural, portanto, se faz através de múltiplas ações. De um lado, a criança se apropria desse conhecimento através de habilidades como levantar hipóteses, colocar questões, observar, comparar, classificar, prever, manipular materiais, descobrir padrões e relações e comunicar suas idéias. Mais importante que saber conteúdos é a capacidade que os(as) professores(as) e as crianças têm de participar ativamente das atividades, com espaço para que se expressem com entusiasmo. Por outro lado, a criança transforma o conhecimento em recurso que ela pode utilizar em outras situações sociais, quando participa de práticas coletivas que modificam o ambiente em que ela vive. Quando um grupo de crianças faz um jardim, constrói as regras de convivência na creche, pré-escola ou escola, ou mesmo participando de festas da comunidade, as crianças estão imersas em práticas como estas.

3. As crianças aprendem quando desafiadas a dar respostas para questões que elas mesmas se colocam

Finalmente, as crianças também aprendem quando desafiadas a dar respostas a problemas que elas próprias se colocam. Você já reparou na quantidade de perguntas que a criança nos faz? Você já se deparou com algumas delas e não soube como responder? Por exemplo, certa vez uma criança de 3 anos perguntou onde ficava a cabeça e o rabo da minhoca. De outra, uma criança de 6 anos perguntou por que a maçã era vermelha. Pois bem, essa curiosidade é a mesma que move os cientistas a avançarem no conhecimento que já temos. Não fossem as perguntas, ainda estaríamos no mundo das cavernas.



Priscilla Silva Nogueira

Mas não é preciso tanto embaraço quando nos deparamos com essas questões. Quanto às minhocas, por exemplo, um bom começo seria observá-las em seu próprio ambiente, ou criar na sala um terrário para uma observação mais minuciosa. As crianças poderiam aprender a observar e anotar, através de desenhos, aquilo que estão aprendendo.



Receita básica do terrário

O terrário é um ecossistema engarrafado, que permite observarmos o ciclo da vida. Essa idéia foi desenvolvida por acaso pelo botânico amador Daniel Ward, quando observava uma crisálida de borboleta dentro de uma garrafa. A terra da garrafa tinha uma raiz de samambaia misturada e ela brotou e cresceu. Ele testou outras plantas e concluiu que, com um pouco de luz e umidade, os vegetais poderiam viver por anos num ambiente lacrado.

Parece uma coisa simples, mas, graças ao terrário, mudas das mais variadas plantas puderam atravessar os oceanos sem sofrer danos.

Material

- Um aquário ou garrafão transparente, bem lavado
- Um canudo de papelão, na forma de funil
- Pedrinhas, areia e terra vegetal
- Fita adesiva
- Sementes e mudinhas
- Borrifador de água

Montagem

Lavar bem o garrafão e, pelo funil, colocar lá dentro uma camada de pedrinhas, uma de areia e outra de terra (cada camada com 2,5cm). Com um arame retorcido na ponta em forma de laço, plante a mudinha na terra ou semeie. Pulverize a água e lacre a boca do garrafão com a fita adesiva. Neste caso, a vida do terrário terá um tempo determinado e a análise desse item deverá fazer parte da observação. Para que o terrário tenha vida mais longa, é preciso manter uma entrada de ar, mesmo que bem reduzida. Manter o terrário à sombra.

Avaliando

Todas as etapas desta atividade devem ser bem planejadas, do ponto de vista dos custos e viabilidades. O local onde os terrários serão colocados deve ser bem avaliado, para que não seja alvo de atos de vandalismo. Como em todos os projetos, este também deve ter seu diário/memorial. O ideal é que cada grupo tenha o seu, pois isto facilitará a avaliação, não só do relatório final, mas também de todo o processo. O envolvimento do aluno, sua participação e mesmo a do(a) professor(a) podem ser discutidos em vários momentos, servindo para a reformulação do que não for satisfatório.

<http://www.tomdamata.org.br/salaprofessor/flora.asp>



Consultar livros que estejam disponíveis ajuda a complementar o conhecimento que está sendo construído nos espaços educativos.

É importante destacar alguns aspectos da apropriação desse tipo de conhecimento pelas diversas crianças que freqüentam as creches, pré-escolas e escolas de Ensino Fundamental onde funcionam turmas de Educação Infantil. Estamos tratando de crianças de 0 a 6 anos, uma faixa de idade cuja diferença é muito significativa. Você, convivendo com as crianças, pode observar a enorme diferença que existe entre um bebê e uma criança de 5, 6 anos. Sabemos também que, antes de falar, a criança se expressa através do corpo e das ações. Uma criança de um ano, por exemplo, não levantaria questões sobre os papéis de pai e mãe em uma brincadeira de casinha. Se estivesse participando da tal brincadeira, obviamente seria como o bebê de uma criança mais velha, por volta dos 5 ou 6 anos que faria o papel de “mãe”.

Quando entra na creche, pré-escola ou escola, a criança, seja de 2 ou 5 anos, busca e necessita compreender onde se encontra e qual é a diferença desse ambiente para o ambiente de sua casa, por exemplo. Conhecer o que é uma instituição de Educação Infantil, com seus rituais próprios, com sua estrutura de funcionamento, com as pessoas ocupando diferentes papéis, com espaços físicos e o meio ambiente ao seu redor seria o primeiro passo da criança em direção ao conhecimento do mundo social e da natureza. Mas esse conhecer não é só da ordem do intelecto. Faz-se especialmente pelo engajamento na vida coletiva dessa comunidade. As relações afetivas e interações do cotidiano são fundamentais para o processo de aprendizagem da criança. Enfim, aprende-se imerso na prática social.

ATIVIDADE 6

Observe as questões colocadas no quadro abaixo. Você pode reproduzir o quadro no seu caderno para registrar suas respostas.

Formas de aprendizagem das crianças sobre o conhecimento do mundo social e natural	Práticas que você desenvolve com sua turma
As crianças aprendem quando brincam com outras crianças.	
As crianças aprendem quando participam de atividades programadas pelos(as) professores(as).	
As crianças aprendem quando desafiadas a dar respostas para questões que elas mesmas se colocam.	

No Módulo III, você viu muita coisa sobre o trabalho do(a) professor(a) quando discutiu questões relativas à proposta pedagógica. Neste momento, vamos trazer alguns elementos importantes, os quais você já estudou em outras unidades: **a organização do tempo, a organização do espaço, a organização dos materiais, a organização das crianças e a organização dos instrumentos de trabalho**. Neste texto, vamos focalizar como essa organização pode favorecer o desenvolvimento do trabalho relativo ao conhecimento do mundo social e natural.

Vejamos o que podemos refletir sobre o primeiro ponto: **a organização do tempo**. Quando as crianças são bem pequenas, até por volta dos 3 anos de idade, torna-se crucial observarmos o tempo próprio de cada uma. Isso envolve tarefas de cuidar e educar. O tempo de cuidados básicos, como higiene, alimentação e sono, é maior quando a criança é menor. Ou seja, quanto menor a criança, maior o tempo de cuidados básicos. Então, o tempo de explorar o mundo e construir conhecimentos sobre esse mundo deve acontecer em função do tempo da própria criança, seguindo seu interesse, sua curiosidade e sempre respeitando os momentos em que ela demonstra cansaço e necessita de repouso. No entanto, nos momentos em que a criança se engaja em brincadeiras individuais ou coletivas, ou mesmo que demonstra curiosidade pelo mundo da natureza, é hora de estimularmos, fazendo comentários, perguntas, mostrando novas facetas do que se está explorando.

Tomemos um exemplo para clarear o que estamos querendo dizer. Imagine que você é professor(a) de uma turma de crianças de 1 a 2 anos. O dia está muito quente e você resolveu ir brincar com a água. As crianças podem levar brinquedos para brincar dentro de bacias bem grandes cheias de água. É muito importante – como já analisamos em outras unidades – observar o que elas fazem. Muitas delas podem estar colocando brinquedos na água para ver se afundam ou flutuam. Essa é a hora de você estar por perto e estimulá-las, acompanhar seu movimento, observar como elas brincam, fazer perguntas e se engajar também na brincadeira. Este será um momento rico e proveitoso para todos.



Priscilla Silva Nogueira

Acompanhar as crianças maiores, entre os 4 e 6 anos, pode ser ainda mais instigante. E a organização do tempo passa pelo planejamento conjunto. Interessante que as crianças possam decidir, junto com o(a) professor(a), os momentos em que elas vão explorar esse tipo de conhecimento. Em algumas experiências observadas, os(as) professores(as) organizavam dois ou três momentos semanais de desenvolvimento dos projetos. No entanto, essa organização do tempo também não pode ser rígida, sob pena de escolarizarmos as relações junto com as crianças. Muitas vezes, acompanhando atentamente seu grupo, o(a) professor(a) intervém em momentos preciosos em que as crianças se colocam questões ou mesmo vivenciam situações problematizadoras. No texto de OTP desta unidade, daremos exemplos concretos de como você pode explorar esses momentos.

A **organização do espaço e dos materiais** acompanha a organização do tempo. Designar espaços para colecionar materiais interessantes que servem para a exploração do mundo da natureza é um bom começo. Potes, balões, rolhas, sacos de plástico, bacias, balança, lupas, livros sobre plantas, vida dos animais, experiências científicas são alguns exemplos que podem ajudar você a desenvolver atividades interessantes.

Na hora da atividade, tenha tudo planejado e organizado. Não tem nada mais desestimulante em uma atividade do que ser interrompida, a cada momento, para buscarmos mais um material que está faltando. Se, por exemplo, o grupo vai observar a transformação de alguns elementos através da culinária, é importante planejar com as crianças onde, quando e como a atividade irá acontecer. Tenha em mãos todos os ingredientes necessários. Fazer um biscoito, por exemplo, se tornaria um martírio se, a cada minuto, você tivesse que ir atrás de mais um ingrediente. A organização do ambiente torna as atividades mais prazerosas e dá segurança para as crianças que delas participam.

Buscar recursos na comunidade também é fundamental para a expansão do conhecimento de todos que integram a creche, pré-escola ou escola. As crianças aprendem muito quando fazem passeios fora da instituição e conhecem o meio ambiente em que vivem. Explorar os parques da redondeza, sua flora, sua fauna, conhecer os espaços da comunidade, como centros comunitários, igrejas, espaços de lazer e outros ajuda a criança a se situar em seu grupo so-



cial. Conhecer os problemas do meio ambiente vividos pela comunidade e inserir as crianças mais velhas (por volta de 5 a 6 anos) pode ser também uma maneira de fazê-las refletir sobre o mundo em que vivem.

<http://www.bioqmed.ufrj.br/ciencia/experiencias.htm> - Se sua instituição tem acesso à internet, este é um site que apresenta muitas experiências com elementos da natureza que podem ser feitas junto com as crianças.

A **organização das crianças** também é fundamental para o desenvolvimento da atividade. Se você está propondo uma atividade ou mesmo construindo uma outra a partir do interesse das crianças, é importante pensar inicialmente na organização do grupo. Por exemplo, se as crianças forem construir um painel sobre o sistema solar, é importante que o grupo interessado no assunto esteja trabalhando coletivamente sob sua supervisão. Os materiais, como papel, canetinhas hidrocor, cola, tinta, deverão estar disponíveis e as crianças precisam estar familiarizadas com seu uso. Se a atividade for, por exemplo, de confecção de um livro sobre a comunidade, as crianças poderão se organizar em grupos e desenvolver tarefas diferenciadas. No entanto, se a atividade consistir de um passeio ao parque da cidade para observar as flores, crianças de várias faixas etárias podem estar participando coletivamente. A organização das crianças, portanto, se dá em função do objetivo proposto, que pode surgir do interesse delas ou de algo que você queira compartilhar com o grupo como qual trabalha.

Por fim, a **organização dos instrumentos de trabalho** também é essencial. Planejar a atividade, organizar os materiais necessários, a forma de registrá-la e avaliá-la, são fundamentais para o sucesso do trabalho com as crianças. Você pode ter em mãos um "diário de bordo" para anotar o que achar interessante: as falas das crianças, a forma como você está desenvolvendo a atividade, suas dúvidas. Esse é um excelente instrumento de trabalho. Sua leitura e reflexão junto com os(as) seus(suas) colegas que trabalham na mesma instituição, possibilitará avaliar sua própria prática pedagógica e construir novas formas de ação. Outro recurso é ter uma forma de registrar o desenvolvimento das crianças. Você pode construir fichas para observação em grupo ou individualmente. Isso facilitará no momento em que você for relatar o desenvolvimento das crianças. Seria interessante reler o texto de OTP da Unidade 2 do Módulo II, quando discutimos formas de observação e registro das interações das crianças e as possíveis intervenções do(a) professor(a). Relatório para os pais contando o trabalho realizado na turma também é outro registro importante que proporciona mais fluidez na comunicação entre a família e a escola. Você também pode colecionar materiais das crianças para anexar aos relatórios, dando maior credibilidade ao que você descreve.

ATIVIDADE 7

Acabamos de ver quatro pontos fundamentais para ajudar a criança no seu processo de descoberta do mundo e na construção do conhecimento. Quais são eles? Como você resumiria cada um deles com as suas palavras? Você pode usar o seu caderno para essas respostas.



ATIVIDADE 8

Pensando em caminhos para envolver as crianças com a produção do conhecimento, faça uma lista dos recursos que sua comunidade possui que podem servir para ampliar o conhecimento de mundo das crianças com as quais você trabalha. Inclua recurso tanto para o desenvolvimento do conhecimento acerca do mundo social quanto do mundo natural. Na reunião quinzenal, vocês podem discutir a viabilidade de se buscar esses recursos junto à comunidade local e podem organizar uma ação coletiva para o aproveitamento desses recursos.

Estamos chegando ao final deste texto e entendemos ser importante analisar ainda mais alguns pontos que nos parecem essenciais. O que relembramos e aprendemos mais um pouco neste texto é que o conhecimento do mundo social e natural nos situa no ambiente em que vivemos e essa ação constrói, concomitantemente, nossa identidade pessoal e social. Conhecer a comunidade em que vivemos e conhecer o planeta nos ajuda a nos conhecer, porque são os outros (o pai, a mãe, o(a) professor(a), os amigos) que nos dizem quem somos. Somos aquilo que podemos ver nos olhos dos outros, ao mesmo tempo em que somos aquilo que construímos para nós mesmos.

As crianças, ainda bem pequenas, são capazes de se engajar num trabalho de exploração do mundo social e natural, desde que estejam implicadas afetiva e **cognitivamente** na temática a ser explorada. A mediação do(a) professor(a), entretanto, é fundamental. Os processos de conhecimento construídos pela criança requerem estratégias complexas capazes de refletir a forma pela qual a criança aprende. É importante que o(a) professor(a) escute as crianças, estimule-as a fazerem perguntas, seja flexível e dê suporte para o desenvolvimento de sua criatividade.

Como vimos na Unidade 2 deste módulo, ao falar do planejamento, a escuta do grupo é fundamental. Toda a organização do trabalho será inútil se você, professor(a), não estiver sintonizado(a) com o grupo com o qual trabalha. Escutar, no entanto, não é uma tarefa fácil. Quando pensamos em uma metodologia de trabalho na Educação Infantil que privilegie a palavra da criança, toda a dinâmica

se altera. É preciso, então, desenvolver no(a) professor(a) a capacidade da escuta, da espera, a capacidade de captar a demanda de conhecimento das crianças. Isso quer dizer que acreditamos que as crianças, desde bem pequenas, desejam aprender e manifestam, de uma forma ou de outra, esse desejo. Às vezes a manifestação vem através das perguntas. Outras vezes, quando as observamos nas brincadeiras ou na exploração de algum material ou recurso da natureza.

Assim, por exemplo, se você encontrar uma criança bem quietinha num canto, empilhando um monte de latinhas de refrigerante, não tenha dúvida: muita coisa ali há para aprender. A criança pode estar intrigada com o equilíbrio das latinhas, com a quantidade que terá de colocar na base para as latas não caírem, com seu peso, com a disposição no espaço, dentre outras coisas que a sua imaginação mandar. No entanto, a criança nem sempre saberá verbalizar todas essas relações. Enquanto um parceiro mais experiente, você pode entender e dar sentido à ação que a criança está praticando. Uma boa forma de fazer isso é se aproximar, perguntar como é a brincadeira e tentar compreender a necessidade de apoio de que a criança necessita. Nesse momento, você poderá explorar, junto com a criança, as habilidades de perguntar, comparar, classificar e, principalmente, ajudá-la a comunicar as idéias que tem sobre aquilo que observa.

Escutar, portanto, significa se colocar disponível para o outro, dando significado às suas ações, forma aos pensamentos, dinamizando e proporcionando modificações importantes para aqueles que participam dessa interação.

É também papel do(a) professor(a) perceber o momento de parar, de recolher, de descansar. Temos assistido, nos dias de hoje, a um verdadeiro bombardeio de informações despejado sobre a cabeça das crianças. Em princípio, não podemos aprender tudo. Temos de seguir aprendendo sempre, porque a aprendizagem é processual.

Nem todas as atividades desenvolvidas com as crianças de 0 a 6 anos necessitam explorar temas ou conteúdos. Pelo contrário, há tempo para tudo: para brincar, para desenvolver atividades, para cantar, passear, para repousar, para bater papo, para comer e para se abraçar. As crianças contam com os adultos para ajudá-las a administrar esse tempo. Uma sobrecarga de trabalho pode adoecer as crianças e fazer com que se sintam estressadas ainda nos primeiros anos de vida. É fundamental que o(a) professor(a) esteja atento(a) aos indícios de fadiga e saiba dosar e diversificar o trabalho no interior da creche, pré-escola ou escola.

Como você pode perceber, ser professor(a) de crianças pequenas é uma grande responsabilidade e requer muitos conhecimentos. No próximo texto, iremos desenvolver com mais precisão o trabalho prático com o conhecimento do mundo social e natural.

PARA RELEMBRAR

- A história humana vem sendo produzida pelo movimento entre duas forças: de um lado a sociedade nos limita e nos impõe condições e, por outro, pela nossa capacidade de agir, ampliamos nossos horizontes e modificamos o curso dos acontecimentos.
- A produção do conhecimento se faz em um tempo histórico, sofre influências da sociedade da época e é feita por pesquisadores que lutam pelas suas idéias.
- São as práticas sociais e o afeto que dão significado às nossas experiências e que nos fazem ir em busca do conhecimento já sistematizado.
- Conhecer não é uma atividade que ocorre somente na escola, mas é um processo de humanização, experienciado nas diversas situações da vida, através da interação com os outros sujeitos da cultura.
- Muito mais interessante que dar informações é ouvir a criança e seguir sua curiosidade natural, desenvolvendo nela habilidades próprias de quem investiga o campo científico.
- As crianças aprendem enquanto brincam, enquanto participam de atividades programadas pelos(as) professores(as), quando desafiadas a dar respostas a perguntas que elas próprias formulam.

ABRINDO NOSSOS HORIZONTES

O conhecimento do mundo social e natural na faixa etária entre 0 e 6 anos se faz pela imersão nesse mundo social e natural. Uma boa dica é você tentar utilizar todos os recursos que sua comunidade oferece.

Você e sua turma podem sair do espaço da creche, da pré-escola ou escola em que você trabalha e fazer passeios. Podem visitar lugares da comunidade que são importantes para as crianças conhecerem e participarem. Visite parques e explore as redondezas do bairro em que sua instituição está inserida. Não proporcione às crianças um conhecimento apenas livresco, quer dizer, descolado da realidade. Na esquina de sua creche, pré-escola ou escola pode ter uma árvore bem antiga, que participa há anos da vida de sua comunidade. Aproveite você também para conhecer mais os recursos que sua cidade oferece.



Aproveite o final desse estudo para fazer um levantamento dessas possibilidades. Será interessante compartilhar suas descobertas com o grupo no encontro quinzenal.

GLOSSÁRIO

Antigüidade: período histórico iniciado com as mais antigas civilizações e que vai até a queda do Império Romano

Aparato biológico: é o conjunto de todos os elementos que constituem o ser humano, dando-lhe determinadas características.

Cognitivamente: intelectualmente; cognitivo se refere ao conhecimento.

Desenvolvimento social sustentável: diz respeito ao impacto da atividade econômica no meio ambiente, visando promover a harmonia entre os seres humanos e entre a humanidade e a natureza. A concepção de desenvolvimento sustentável implica a expansão econômica permanente, levando em conta a qualidade de vida e a preservação do meio ambiente. Ou seja, atender às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades.

Ecossistema: conjunto dos relacionamentos que envolve todo o ambiente: a fauna, a flora, os microorganismos que nele habitam e que promove o equilíbrio geológico, atmosférico, meteorológico e biológico.

Senso comum: avaliação ou julgamento de idéias ou situações com base em formulações resultantes da experiência direta (experiência da vida) das pessoas comuns.

SUGESTÕES PARA LEITURA

CARVALHO, Anna Maria Pessoa, INFANTOSI, Andréa et al. *Ciências no Ensino Fundamental – O Conhecimento Físico*. São Paulo: Editora Scipione.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. *Professor da pré-escola*. 4. ed. v. 1. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1995.

HIRSCH, Sonia. *Almanaque de bichos que dão em gente*. 3. edição atualizada. Rio de Janeiro: Ed. Corre Cotia.

LOBATO, Monteiro. *Histórias do mundo para as crianças*. São Paulo: Brasiliense, 1972.

_____. *O Minotauro*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

PRIETO, Eloísa. *Divinas aventuras: história da mitologia grega*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

ROCHA, Rute. *Rubens, o semeador*. Ilustrado por Rubens Matuck. São Paulo: Salamandra, 2004.

RONDON, Maria Augusta Mantese. *A origem do mundo*. São Paulo: Salamandra,

WEISSMANN, Hilda (Org.). *Didática das Ciências Naturais – Contribuições e Reflexões*. Beatriz Affonso Neves (Trad.) Porto Alegre: Artmed, 1998.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

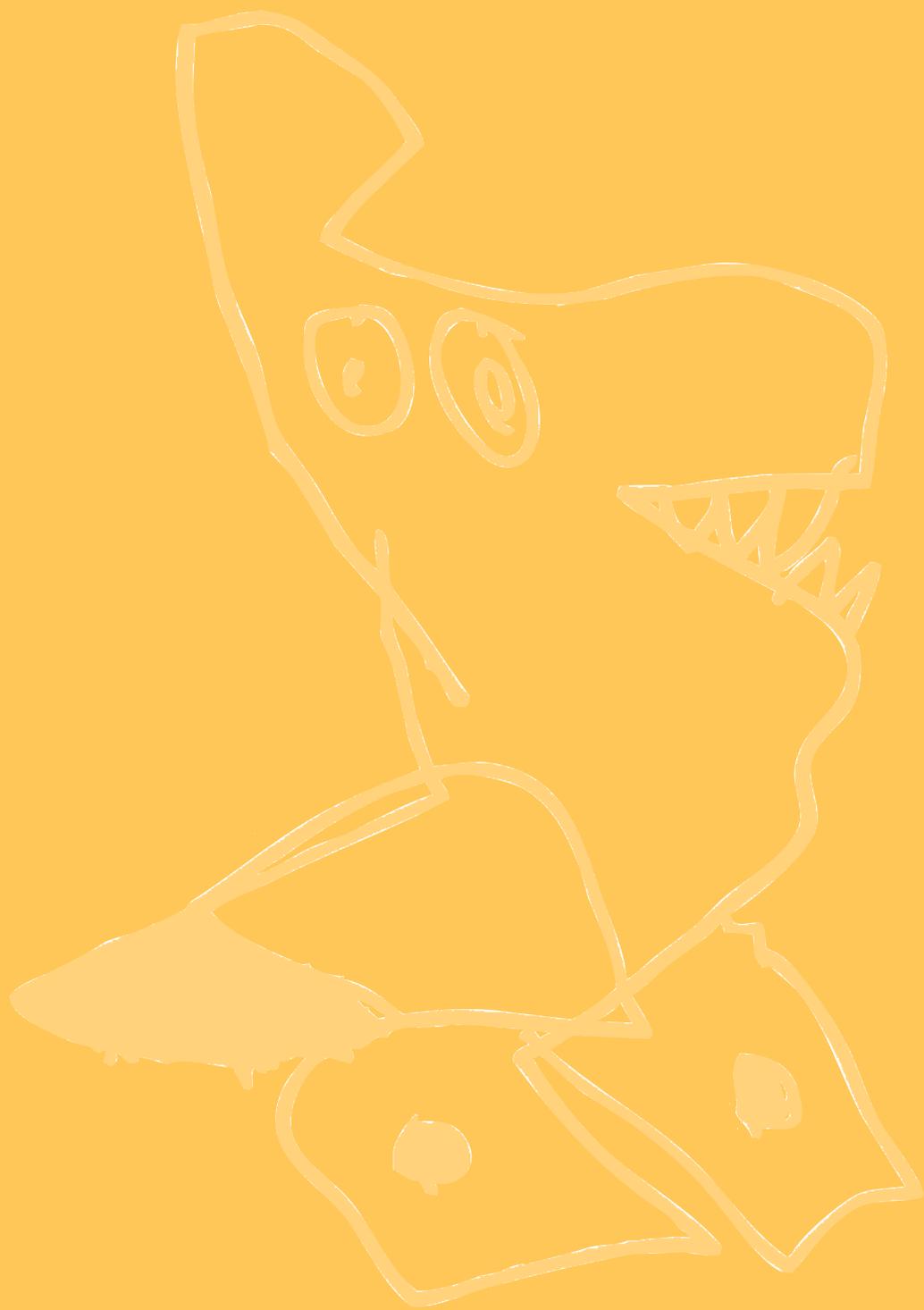
ARANHA, M. L. A., MARTINS, M. H. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.

CORALINA, Cora. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1985.

LOBATO, Monteiro. *Histórias do mundo para as crianças*. São Paulo: Brasiliense, 1972.

_____. *O Minotauro*. São Paulo: Brasiliense, 1992.



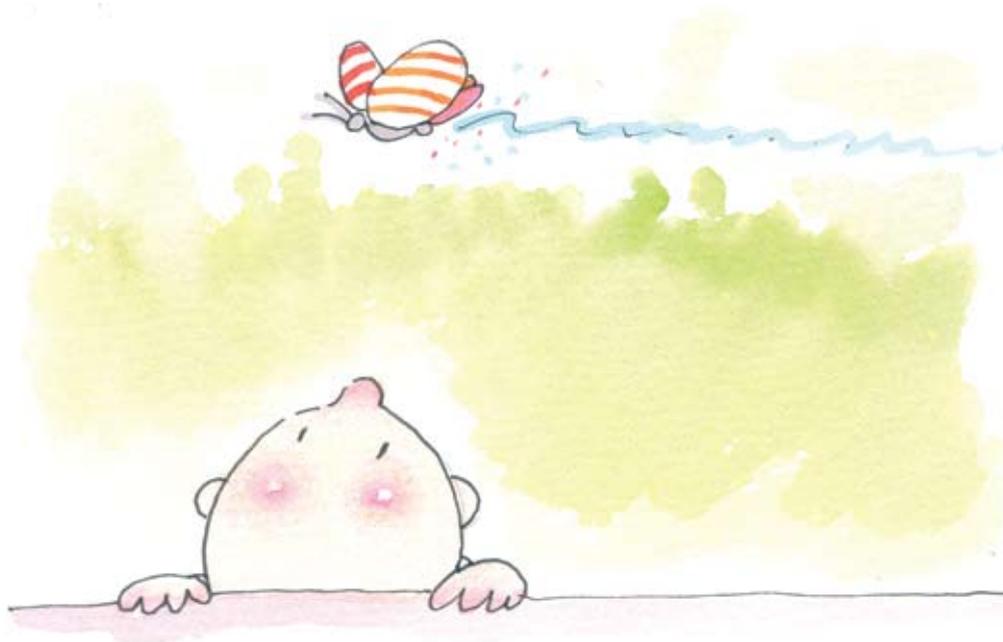


ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO O TRABALHO COM O CONHECIMENTO DO MUNDO SOCIAL E NATURAL

Uma didática da invenção

*Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:
Que o esplendor da manhã não se abre com faca
O modo como as violetas preparam o dia para morrer
Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos
Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote tem salvação
Que um rio que flui entre dois jacintos
carrega mais ternura que um rio que flui entre dois lagartos
Como pegar na voz de um peixe
Qual o lado da noite que umedece primeiro.
(...)
Desaprender oito horas por dia ensina os princípios.*

Manoel de Barros¹



¹ Trecho do poema *Uma didática da invenção*, de Manoel de Barros. In: MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores contos do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 309.

ABRINDO NOSSO DIÁLOGO

Prezado(a) professor(a),

No texto anterior, desenvolvemos algumas idéias a respeito de como a humanidade veio produzindo conhecimento ao longo da história e da importância de se conhecer essa produção para trabalharmos com as crianças pequenas.

Vimos, também, as relações que existem entre o desenvolvimento da pesquisa científica e a formação da nossa sociedade. Percebemos que há uma relação de interdependência entre uma coisa e outra, ou seja, quando produzimos um conhecimento científico ou uma nova tecnologia, afetamos toda a vida social. Vimos, também, os perigos de um desenvolvimento científico e tecnológico que não leve em conta o bem-estar social.

Tivemos a oportunidade de compreender algumas maneiras pelas quais as crianças se apropriam desse mundo social e natural e como as instituições de Educação Infantil podem se preparar para explorar esse campo do conhecimento com as crianças.

Neste texto, trabalharemos com as questões mais práticas. Iremos tecer mais considerações sobre o papel do(a) professor(a) como mediador(a) desse processo, dando algumas dicas de como você pode aproveitar elementos que surgem no cotidiano das creches, pré-escolas e escolas para convertê-los em material de trabalho com as crianças.

Sabemos que não é fácil romper com a tradição da transmissão do conhecimento, há muito consolidada no meio educacional. E, no trabalho com as crianças pequenas, muitas vezes nos vemos em uma encruzilhada: ou apenas damos uma assistência às crianças, sendo atentas aos cuidados de que elas necessitam, ou então partimos para o oposto e resolvemos “dar aulas”. É por isso que, muitas vezes, professores(as) bem intencionados(as) se vêem nesse dilema sem saber ao certo o que fazer. Quando se pensa em “dar aulas”, rapidamente nos vêm aqueles modelos de trabalho escolar do qual nós próprios participamos enquanto alunos. Então, o que muita gente faz é trabalhar com o conteúdo de uma primeira série imaginária, cortando-o em pedacinhos e oferecendo-o aos pouquinhos para as crianças menores de 7 anos.

Reverter esse quadro não é trabalho para um dia ou um ano. É trabalho para muito tempo. E, sabemos, você faz parte desse processo.

É por isso que, para completar essa discussão, vamos apresentar sugestões de estratégias bem práticas para o desenvolvimento do conhecimento tanto do mundo social, quanto do mundo natural, para que você possa recriá-las no dia-a-dia com as crianças com as quais trabalha.

DEFININDO NOSSO PONTO DE CHEGADA

Após o estudo das três seções deste texto, esperamos que você possa:

1. *Compreender o papel do(a) professor(a) na organização de estratégias que permitam a transformação da curiosidade infantil em possibilidades de investigação sobre o mundo natural e social nas instituições de Educação Infantil.*
2. *Construir estratégias pedagógicas para o desenvolvimento do conhecimento do mundo social.*
3. *Construir estratégias pedagógicas para o desenvolvimento do conhecimento do mundo natural.*

CONSTRUINDO NOSSA APRENDIZAGEM

Neste texto, o percurso proposto será o seguinte: na Seção 1, procuraremos compreender como a curiosidade infantil se manifesta através da ação corporal, das brincadeiras e das perguntas e como o(a) professor(a) pode transformar essa curiosidade em material interessante para ser explorado junto ao grupo de crianças; na Seção 2, entenderemos como o conhecimento do mundo social pode ser explorado através de estratégias que o(a) professor(a) cria junto ao grupo de crianças; e, na Seção 3, vamos explorar estratégias para abordar o conhecimento do mundo natural e exemplificar através de atividades já vivenciadas por outros grupos de professores(as).

Seção 1 – Transformando a curiosidade infantil em conhecimento cotidiano nas creches, pré-escolas e escolas

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:

- COMPREENDER O PAPEL DO(A) PROFESSOR(A) NA ORGANIZAÇÃO DE ESTRATÉGIAS QUE PERMITAM A TRANSFORMAÇÃO DA CURIOSIDADE INFANTIL EM POSSIBILIDADES DE INVESTIGAÇÃO SOBRE O MUNDO FÍSICO E SOCIAL NAS CRECHES, PRÉ-ESCOLAS E ESCOLAS.



Vimos no texto de *Fundamentos da Educação* desta unidade que, assim como nós professores(as) vamos construindo uma identidade social no cotidiano com o nosso trabalho, as crianças também constroem sua identidade na relação que mantêm com os adultos e com as outras crianças que participam da comunidade educativa.

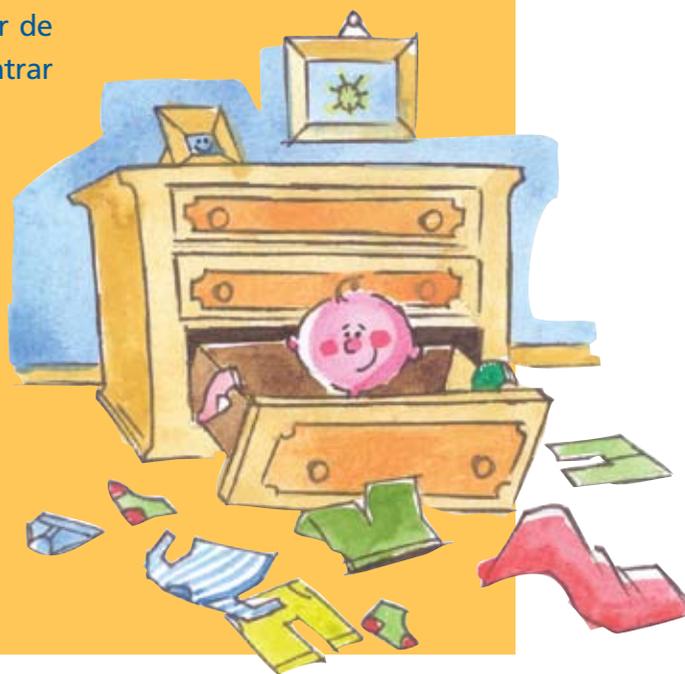
Isso aparece de maneira sutil no cotidiano das creches, pré-escolas e escolas, nas brincadeiras infantis, na forma como a criança observa o mundo, nas perguntas que ela faz. Compreender como a criança aborda o conhecimento é fundamental para que o(a) professor(a) possa organizar o planejamento das atividades.

As crianças aprendem muitas coisas nos primeiros anos de vida de uma maneira muito veloz. Na verdade, sua capacidade de aprendizagem tem sido motivo de pesquisas na área de psicologia.

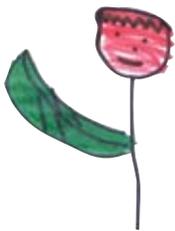
Imagine um bebê de uns 10 meses engatinhando pela casa. A exploração que ele faz é digna de um mestre! Talvez você já tenha observado cenas como as que se seguem:

Um bebê de aproximadamente 11 meses tirou todas as roupas de uma gaveta que ficava bem próxima do chão no armário do seu quarto e sentou dentro dela. Sem jeito, suas pernas ficaram meio encolhidas e ele não sabia mais como sair daquela situação. Mexendo para um lado e para o outro, ele conseguiu sair com êxito e, então, não quis saber de mais nada: a brincadeira passou a ser entrar e sair da gaveta de várias maneiras.

Em outra oportunidade, esse mesmo bebê descobriu o videocassete de sua casa e começou a colocar coisas miudinhas dentro do espaço destinado a colocar a fita. Primeiro foram tampinhas, seguidas de pequenos brinquedinhos e depois ele passou a tentar colocar coisas maiores, como sapato e acabou quase colocando uma vassoura dentro do videocassete!



Quando assistimos a uma cena como essa, nosso primeiro impulso é rir do que vemos e achar que essas ações não têm muito sentido. Ao contrário, a criança está testando, com o seu próprio corpo, relações espaciais, tamanho e outras dimensões que fundamentam o conhecimento do mundo em que vive. Ao observar e agir sobre os objetos, a criança estabelece relações importantes para o conhecimento dos fenômenos que se apresentam no nosso cotidiano.



No texto anterior, vimos que a humanidade começou a produzir conhecimento agindo, manipulando, observando e formulando questões. A criança não fica atrás. Ela também age sobre o mundo, o observa e formula questões. Vimos, também, que as crianças aprendem de várias maneiras, participando de atividades que elas mesmas inventam e outras que as instituições promovem. Vamos discutir, agora, sobre as possibilidades de o(a) professor(a) transformar a curiosidade das crianças em conhecimento no cotidiano das creches, pré-escolas e escolas, levando em consideração que a criança precisa experimentar o mundo. Vejamos o que diz a poesia de Pedro Bandeira (2002) sobre isso:

Vai já pra dentro, menino!

*Vai já pra dentro, menino!
Vai já pra dentro estudar!
É sempre essa lengalenga
quando o que eu quero é brincar...*

(...)

*Aprende-se o tempo todo,
dentro, fora, pelo avesso,
começando pelo fim,
terminando no começo!*

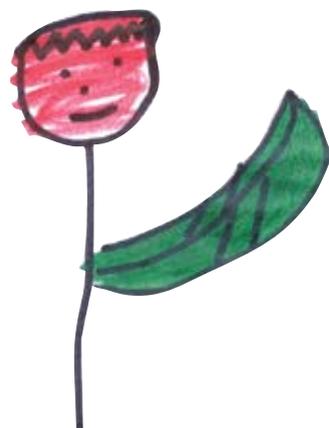
*Se eu me fecho lá em casa,
numa tarde de calor,
Como eu vou ver uma abelha
a catar pólen na flor?*

(...)

*Como eu vou saber da terra,
se eu nunca me sujar?
Como eu vou saber das gentes,
sem aprender a gostar?*

*Quero ver com os meus olhos,
quero a vida até o fundo
Quero ter barro nos pés,
eu quero aprender o mundo!*

Pedro Bandeira



Tomemos dois exemplos para você entender melhor o que estamos falando.

Situação 1

Suponhamos que um grupo de crianças de 4 a 5 anos esteja brincando de “vendinha”. Elas organizam materiais que encontram ao seu redor para serem as mercadorias próprias da venda. O(a) professor(a) pode observar a maneira pela qual as crianças brincam e tentar compreender o que elas querem aprender com essa brincadeira. Pode também participar entrando na “venda” para fazer sua compra. Na hora de pagar, pode perguntar se eles aceitam vender fiado. Pode também comprar sua mercadoria e, em instantes depois, voltar para devolvê-la, porque a mercadoria tem algum problema ou não é adequada. Com essa interferência, o(a) professor(a) problematiza a situação de compra e venda e introduz um elemento novo na negociação. O diálogo que se segue e as soluções apontadas pelas crianças tornam-se a riqueza do trabalho pedagógico.



Outra situação pode ser um momento em que as crianças estão observando bichinhos na terra.

Situação 2

Numa turma de 4 anos, as crianças observam pequenas formigas, alguns insetos, tatuzinhos de jardim. O(a) professor(a) pode estar ao lado ouvindo a conversa e prestando atenção à curiosidade da criança em relação aos bichinhos observados. Se o(a) professor(a) tivesse lupas disponíveis, poderia colocá-las nas mãos das crianças. Todo o mundo que estava sendo observado se transformaria. Os bichinhos pareceriam gigantes e as crianças poderiam observar detalhes da sua constituição física, bem como observar os movimentos que existem naquele **ecossistema**. Neste caso, o instrumento colocado pelo(a) professor(a) alteraria toda a forma de as crianças observarem o mundo, abrindo novas possibilidades de ações. Papel, lápis de cor ou tinta poderiam complementar e registrar esse momento rico vivenciado pelas crianças.





ATIVIDADE 1

De uma maneira geral, o que as crianças aprenderam nessas situações? Releia os dois exemplos e registre sua resposta no caderno.

Podemos dizer que as crianças, na primeira situação, aprenderam a lidar com problemas relativos à situação social de compra e venda, expandiram seus conhecimentos sobre as diversas formas de pagamento usadas na nossa sociedade, aprenderam a discutir e tomar decisões sobre o que será feito com uma mercadoria que desejamos devolver.

Na segunda situação, podemos pensar que as crianças aprenderam a prestar atenção ao pequeno mundo animal, a distinguir e comparar pequenos animais, a compreender as relações que existem entre os diversos bichinhos que habitam o mesmo lugar e, ainda, a registrar e sistematizar o que viram. Sem falar, obviamente, em todo o desenvolvimento da capacidade da criança de se comunicar. Fala, gestos, movimentos e corpo são a base da comunicação em nosso mundo social.

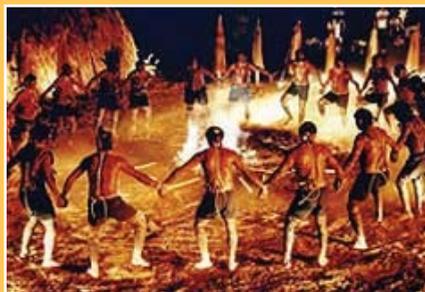
E o(a) professor(a), o que aprendeu nessas situações? Essa questão também precisaria de aprofundamento. Os pesquisadores que se debruçam na tentativa de compreender como as pessoas aprendem com certeza veriam muitas facetas que nós não podemos ver quando vivenciamos a situação. Mas, de uma maneira geral, arriscaríamos dizer que o(a) professor(a), nessas situações, pôde aprender a ouvir as crianças, a se colocar ao lado delas, apoiar suas brincadeiras e curiosidades e a desafiá-las a expandir suas formas de participação.

Para contrapor a esse relato bem-sucedido, podemos pensar em uma situação na qual as possibilidades de as crianças expandirem seus conhecimentos ficam limitadas. Suponhamos que em uma instituição de Educação Infantil o desenvolvimento do mundo social seja feito apenas por meio de datas comemorativas. Tomemos uma data muito “celebrada” nas escolas, de modo geral: o dia do índio. O que se costuma fazer? Chega a data, o(a) professor(a) passa a semana inteira que a antecede confeccionando “cocares” para as crianças usarem. No dia, ela fala sobre os índios, os primeiros moradores do Brasil, distribui cocares, distribui folhas mimeografadas com indiozinhos para as crianças colorirem, ensina a “música do índio”, pinta o rosto das crianças e as faz desfilar com os cocares na cabeça.

Mas a imprensa escrita e os jornais da televisão com frequência trazem denúncias de epidemias e de invasão de terras. Se pensarmos na situação dos índios brasileiros na atualidade, perceberemos que são pessoas sofridas, que lutam pela sua identidade cultural, que batalham para preservar sua língua e sua origem, que

têm dificuldades para sobreviver e que não têm seus direitos como cidadãos respeitados. Moram em reservas que muitas vezes não são respeitadas e são muito pouco representados nos órgãos governamentais. É uma situação lastimável se pensarmos que eles eram os verdadeiros proprietários da terra-Brasil.

Hoje temos 220 povos indígenas no Brasil. Os povos indígenas contemporâneos estão espalhados por todo o território brasileiro, com exceção dos estados do Piauí e Rio Grande do Norte. Vários desses povos também habitam países vizinhos. No Brasil, a grande maioria das comunidades indígenas vive em terras coletivas, declaradas pelo governo federal para seu usufruto exclusivo. As chamadas Terras Indígenas (TIs) somam, hoje, 627 comunidades. Se você tem acesso à internet, para maiores informações, pode acessar o site: www.socioambiental.org/pib/epi/arara/atu .



E o que as crianças aprenderam colorindo o indiozinho e cantando músicas com o cocar na cabeça? Esse tipo de atividade, além de não ter muito sentido para as crianças, limita sua capacidade de ação, a possibilidade de conhecer a realidade dos povos indígenas, de discussão e de tomada de decisões. E as crianças acabam formando uma idéia dos índios brasileiros que traz uma caricatura mais do que ensina sobre a condição real deles. Essas situações precisam ser mais bem aproveitadas para que não apresentemos, para as crianças, um mundo de forma fragmentada e desprovido de sentido.





ATIVIDADE 2

Que atividades relacionadas ao mundo social e natural acontecem na sua creche, pré-escola ou escola? Como as crianças são envolvidas nessas atividades? Levando em consideração o que discutimos até aqui, selecione algumas dessas atividades e faça uma análise crítica: quais são os pontos fortes do trabalho? Quais são os pontos fracos?

Voltemos a refletir sobre mais um ponto do papel do(a) professor(a) como mediador(a) entre a criança e o mundo que a cerca. Outra forma de escutar a criança é prestar atenção às conversas que acontecem, por exemplo, quando elas discutem uma história que ouviram, quando desenham, quando sentam para “bater papo”. A história que segue aconteceu em uma turma de crianças de 6 anos.

Um grupo de alunos de 6 anos, após a leitura de um livro literário sobre macacos, começou um diálogo:

- Primeiro veio o macaco, depois nasceu a gente.
- É pura mentira, primeiro nasceram as mulheres, porque é da barriga delas que nascem as pessoas.

Depois dessa primeira conversa, o assunto tomou conta das conversas e, na hora da roda, as crianças continuaram:

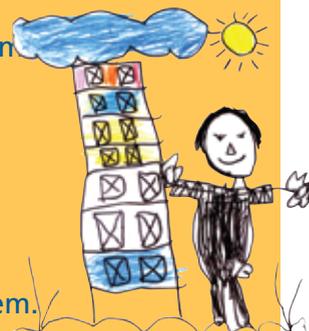
- Quem nasceu primeiro, o homem ou a mulher?
- Achamos que foi a mulher, porque a gente nasce é da barriga dela. Pra isso tem que ter um namorado.
- Mas a mulher não pode ter nascido primeiro que Deus, porque, senão, Deus ia ficar todo enrolado.
- Então foi Deus que nasceu primeiro.
- E como surgiu o mundo?
- Primeiro nasceram os animais, depois os mosquitos, as baratas e os micróbios.
- Primeiro foram os dinossauros.
- Depois os macacos que se transformaram em homens, macaco homem e macaca mulher.

A temática foi ganhando corpo, a partir daí. Tornara-se relevante para o grupo. Avançando na compreensão da problematização, as crianças pesquisaram, em casa, sobre o assunto. A mãe de uma das alunas ensinou-lhe uma história sobre a origem do homem na Terra, que foi narrada pela criança, na roda, da seguinte maneira:

– A minha mãe me contou que o Deus estava muito sozinho, então ele criou o mundo, mas continuou sozinho. Então ele pegou o barro e fez o homem e a mulher igual ao Romeu e Julieta. Depois de criar o homem e a mulher Deus falou que eles não podiam comer a maçã. Então apareceu uma cobra que era do mal e falou: come, come! Pra castigar, Deus fez ficar igual é hoje: criou escola e fez o homem ter que fazer um monte de coisas, porque era um castigo.

Algumas crianças não acreditaram na história e disseram:

- Homem feito de barro, eu não acredito!
- Só se fosse o João-de-barro!
- João-de-barro é um passarinho.
- E por que ele tem esse nome?
- Porque faz a casa de barro.
- Se existisse homem de barro, eu seria de barro também.



A discussão empreendida pelo grupo foi extremamente rica no sentido de ir se construindo um significado compartilhado, que culminou na seguinte questão: “O homem veio do macaco ou Deus fez o primeiro homem de barro?”.

Fragmento do artigo:

GOULART, M. I. *A dimensão processual na prática da Educação Infantil*. In: *Presença Pedagógica*. Dimensão: Belo Horizonte, 1999.

Esse episódio ilustra, de forma interessante, o que estamos querendo dizer. Temos, aí, um rico debate entre as crianças, que foi mediado pela ação da professora e também dos pais. Vamos ver mais detalhes dessa experiência:

Na sala, com as crianças, a professora criou um espaço organizado para a fala do grupo, enquanto procurou escutar e tentar compreender as concepções das crianças sobre a origem da humanidade. A busca de respostas para nossa origem no mundo torna-se clara nesse episódio. Compreender como o homem apareceu na face da Terra significa também compreendermos nosso lugar no mundo, nossa identidade enquanto grupo. A partir da escuta da conversa das crianças, a professora problematizou o assunto, ou seja, avaliando que o grupo de crianças estava entusiasmado com a discussão, ela começou a organizar a conversa e estimular as crianças a levantarem questões sobre o tema. Então, ela pôde organizar um planejamento junto com os pequenos que foi posteriormente discutido na reunião de professores, quando surgiram novas sugestões de como encaminhar o trabalho com o grupo. Voltando para o grupo, a professora estimulou as crianças a falarem mais sobre o que elas já sabiam sobre o assunto, levantando seus conhecimentos prévios. A partir disso, promoveu discussões nas famílias e disponibilizou diversos

materiais para as crianças: livros que falavam sobre a evolução das espécies, como a teoria de que nossos ancestrais foram os chimpanzés, outros que colocavam a posição das religiões cristãs, segundo as quais o homem aparece como uma criação divina, além de lendas indígenas e africanas. Com isso, ela levantou algumas fontes de conhecimento com diferentes abordagens. Assim, utilizou tanto o conhecimento científico quanto o conhecimento prático e o mítico.

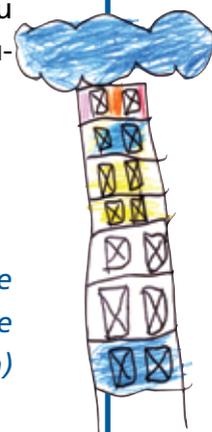
As crianças, então, trabalharam utilizando diversas linguagens, ou seja, elas conversaram sobre o assunto, fizeram desenhos ilustrando as diversas versões das explicações para o aparecimento do homem na terra, fizeram esculturas do “homem de barro” e construíram, com a ajuda da professora, pequenos textos que resumiam aquilo que eles haviam aprendido.

Para sistematizar o trabalho, o grupo propôs fazer um teatro representando as diversas histórias que os homens construíram para explicar o aparecimento do homem na Terra. Com isso, as crianças puderam perceber que não temos uma só explicação para nossa origem no planeta e que esse conhecimento continua ainda em debate. Muitas pesquisas têm sido feitas para se descobrir esse mistério.

No final, as crianças fizeram uma avaliação, em forma de desenho, sobre por que elas acharam interessante pesquisar sobre esse assunto e o que elas tinham aprendido com isso.

Esse trabalho, no entanto, requer planejamento. Na Unidade 2 deste módulo, abordamos a possibilidade de organização do trabalho pedagógico através do planejamento. No exemplo acima, estamos apresentando uma das possibilidades de se trabalhar com as crianças, através do que temos chamado de “Projetos de trabalho”. O ponto principal dessa forma de abordar o conhecimento é buscar uma participação maior das crianças no planejamento do trabalho. Dessa forma, as atividades passam a ter mais significado para elas, porque respondem a questões colocadas por elas mesmas. No exemplo anterior, vimos como a professora organizou o trabalho junto com as crianças, partindo de uma discussão que aconteceu no grupo. Assim, os projetos de trabalho, lembrando e ampliando o que estudamos no texto de OTP da Unidade 2 deste módulo, também contemplam:

- *a escuta do grupo;*
- *a problematização da temática que está sendo explorada;*
- *planejamento junto com as crianças e também discutido junto com o grupo de professores(as) nas reuniões pedagógicas – o planejamento é flexível e pode ser alterado a todo momento, dependendo da forma como o(a) professor(a) e os alunos vão conduzindo a exploração da temática;*



- levantamento do que as crianças já conhecem sobre o assunto;
- busca das fontes: onde podemos achar material que nos ajudem a aprender sobre o assunto – a partir dos dados coletados as crianças podem trabalhar desenvolvendo diversas linguagens;
- sistematização através de diversos tipos de registros e avaliação da produção do grupo.

Cabe lembrar que a organização desse planejamento é dinâmica. Não é *linear*, um passo após do outro. Por exemplo, depois de escutar as crianças e problematizar a temática que elas estão curiosas para investigar, continuamos escutando e refinando aquilo que elas estão querendo dizer.

Então, planejamos junto com elas, mas a problematização continua acontecendo, porque, ao planejar, novas questões surgem. E você pode ir listando essas questões e mostrando para as crianças como elas se modificam à medida que o grupo aprende sobre o assunto.

Observe que não estamos sugerindo uma organização do trabalho pedagógico como uma receita de bolo. Aliás, aposto que, quando você vai fazer um bolo, nunca segue passo a passo o que está escrito na receita, não é mesmo? Pode ser que da primeira vez você faça igualzinho ao que está na receita, até para ver se dá certo mesmo. Mas depois você começa a inovar, acrescentar um ingrediente que, a seu ver, pode incrementar o sabor daquele bolo. É assim também na nossa prática como professor(a). A gente começa experimentando sugestões que outras pessoas nos dão e depois vamos criando nosso modo próprio de trabalhar, colocando cada vez mais nossa marca naquilo que fazemos. O importante é não perder o entusiasmo e sempre buscar uma nova forma de fazer as “velhas” coisas.



ATIVIDADE 3

Como você tem desenvolvido o trabalho com o seu grupo? Propomos agora um exercício a partir dos itens abaixo:

- A escuta do grupo: procure observar o seu grupo e destacar algo que seja do interesse das crianças.*
- A problematização da temática que está sendo explorada: que desdobramentos você imagina que isso possa ter?*

- c) *Levantamento do que as crianças já conhecem sobre o assunto. Esse levantamento pode ser resultado da sua observação e de perguntas feitas para as crianças.*
- d) *Em seguida, procure planejar, junto com as crianças, como vocês podem realizar a proposta. Você pode também discutir as idéias junto com o grupo de professores(as) nas reuniões pedagógicas. O planejamento é flexível e pode ser alterado a todo momento, dependendo da forma como o(a) professor(a) e as crianças vão conduzindo a exploração da temática.*
- e) *Busca das fontes: onde podemos achar material que nos ajude a aprender sobre o assunto? Livros? Pessoas da comunidade? Observação de algum lugar, objeto ou situação? A partir dos dados coletados, as crianças podem trabalhar desenvolvendo diversas linguagens: desenho, dramatização, dança, escrita, modelagem.*
- f) *Finalmente, é importante lembrar da necessidade de sistematização através de diversos tipos de registros e avaliação da produção do grupo.*

Se você já tem realizado algo semelhante, pode registrar mais detalhadamente. Será produtivo compartilhar o resultado desse processo no encontro quinzenal.

Nas próximas seções, trabalharemos com outros exemplos que poderão clarear ainda mais a proposta feita acima.

Seção 2 – Estratégias de trabalho pedagógico para o desenvolvimento do conhecimento do mundo social

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:

- CONSTRUIR ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO DO MUNDO SOCIAL.

Na seção anterior, exemplificamos algumas práticas para o desenvolvimento do conhecimento do mundo natural e social. Nesta seção, aprofundaremos essa discussão, ampliando possibilidades para você construir estratégias que garantam às crianças de 0 a 6 anos a oportunidade de explorar esse tipo de conhecimento.

Vamos começar discutindo o trabalho com as crianças de 0 a 2 anos. O que vem a ser acesso ao conhecimento do mundo social para crianças que ainda nem saíram das fraldas? É possível explorar o mundo social que está à volta delas?

Na verdade, a criança já nasce no mundo socializado, carregado da produção cultural que os seres humanos gastaram milênios para produzir. Então, não se trata de apresentarmos ou não esse mundo a ela, mas de ajudá-la a dar significado a ele.

No texto de *Fundamentos da Educação* desta unidade, demos exemplo de como o ato de merendar está carregado de significado cultural. Isso mesmo! Só que não damos importância a nada disso e apenas vivenciamos esses momentos com as crianças, sem tomarmos consciência de que são momentos plenos de aprendizagem social.



Priscilla Silva Nogueira

Vamos iniciar examinando as práticas sociais relativas aos cuidados básicos e à aprendizagem de alguns valores da nossa cultura. Bebês e crianças bem pequenas já são cidadãos que participam da nossa sociedade. Claro que ainda não têm conta no banco, não votam nem participam de reuniões comunitárias para discutirem melhorias que podem ser feitas na comunidade. Mas, ao participarem da vida cotidiana nas creches, pré-escolas e escolas, vão aprendendo valores e costumes que fazem parte do nosso meio cultural. Quanto menor é a criança, mais ela necessita da ajuda do(a) professor(a) para aprender a se cuidar. Os bebês, por exemplo, têm que ser cuidados por alguém para sobreviver. Longe de ser um momento em que a criança não sabe nada, esse é um momento de intenso aprendizado; por exemplo, a hora do banho. O hábito de tomar banho todos os dias faz parte da nossa cultura. O Brasil é um país de clima quente e, portanto, propício à disseminação de vários microorganismos. Então, a prática de tomar banhos todos os dias é adequada e tem significado para nós que vivemos em um país tropical. Você já se perguntou se os esquimós, que vivem próximos ao pólo norte, tomam banho todos os dias? Pois é, as condições de vida desse povo produzem um modo de viver bastante diferente do nosso.

Outro momento de intenso aprendizado relativo às práticas culturais é o momento da alimentação, citado no texto de FE anterior. Vamos explorar um pouco mais esse rito de iniciação.

Hora do lanche

A professora coloca a toalha na mesa e distribui pratinhos, copinhos, talheres e guardanapos para a criançada de 1 a 2 anos. Esse material chama a atenção das crianças que começam a explorá-lo: colocam na boca, fazem barulho batendo uns nos outros, observam cores diferentes e a textura do material.

A professora serve o suco com cuidado para não derramar. Os menores têm tampinhas em seus copos para que possam beber com mais facilidade. Então, a professora oferece frutas picadinhas que vai colocando nos pratinhos. Mãos, dedos, colher, tudo faz parte do esforço de se alimentar. Algumas crianças são ajudadas pelos adultos. Os guardanapos entram em cena para limpar as boquinhas.



Agora é a hora do pão ou bolo. Cada um vai pegando o seu. O bolo é fofo e, muitas vezes, esmigalha na mão de crianças que não controlaram bem sua força no momento de pegar seu pedaço. Ih! O que será que vai acontecer? Será que vou ficar sem bolo? A professora oferece outro pedaço, mostrando uma maneira melhor de segurá-lo sem que o bolo se desintegre. Mais suco? A hora do lanche é também hora de conversar sobre o que gostam ou não, sobre a diferença dos alimentos.

A limpeza de mãos, rostos, mesa, cadeira, chão, segue o ritual do lanche. Uma música ajuda a tornar a tarefa ficar mais divertida.

Todos saciados e o ambiente organizado. Vamos mudar de atividade.

O que aconteceu nesse momento? Como podemos variar e expandir a experiência das crianças em relação ao conhecimento de como os seres humanos se alimentam? Como relacionar essa necessidade biológica com a cultura que está impregnada no simples ato de comer?

Esse momento, que para nós é tão corriqueiro, comum, é de suma importância para as crianças. Elas estão aprendendo a se cuidar, ao mesmo tempo em que aprendem valores culturais: aprender a usar os instrumentos culturais, como

talheres, pratos, copos, guardanapos. Além do mais, há toda uma aprendizagem do uso do corpo (movimentos adequados, força, direção, ritmo) que está sendo processada. Assim, esse é um momento em que se pode conversar sobre o paladar, trabalhar a socialização do alimento, a autonomia para se alimentar e se servir, o cuidado com a limpeza e a organização do ambiente etc. No entanto, torna-se desnecessário problematizar aquilo que as crianças já estão aprendendo através da vivência, por exemplo, ao usar talheres e copos, as crianças aprendem a manejá-los sem a necessidade de uma aula de como comer com garfo e faca. Também devemos evitar intervenções do tipo: o copo está vazio ou cheio, o que tem dentro ou fora do prato? Esse tipo de intervenção só faz escolarizar um momento rico em aprendizagens culturais que precisam ser vividas com intensidade. Não faça deste momento uma lição escolar. Deixe-o permanecer vivo naquilo que tem de singular. É importante que as crianças aprendam que certas coisas se aprendem através da vivência.



Priscilla Silva Nogueira

A alimentação pode até ser motivo de trabalho, por exemplo, com as crianças entre 5 e 6 anos. Aí sim, cabe uma intervenção, uma problematização. Podemos introduzir questões referentes a outros povos, outras culturas, como: come-se igual em todas as partes do mundo? O que os japoneses utilizam para comer? E os índios brasileiros? Ou outras referentes à nossa própria história: a comida no tempo dos nossos avós era igual à comida de hoje? Havia lanchonetes como Mc Donald's? Por que surgiram as comidas rápidas, chamadas *fast food*, que as pessoas comem em pé e que são alimentos de qualidade duvidosa, muitos dos quais já sabemos que fazem mal à saúde? Podemos, ainda, pesquisar desigualdades na nossa sociedade: há grupos sociais que ainda necessitam trabalhar muito, exclusivamente para comer? Por que tanta desigualdade?

Como você pode ver, o simples ato de comer pode gerar diferentes tipos de trabalho, quando nos propomos ampliar o contato das crianças com as atividades que vivemos cotidianamente no interior das creches, pré-escolas e escolas.

O conhecimento dos espaços e das pessoas que trabalham nas instituições educativas, ou o conhecimento de outras pessoas e locais da comunidade próxima à instituição na qual você trabalha, ou mesmo o conhecimento dos familiares, da residência e do modo de vida das crianças que compõem o grupo, são também possibilidades ricas de trabalhar o conhecimento do mundo social nesta faixa etária.

Outra temática explorada em uma turma de 4 anos surgiu da necessidade de se construir uma casinha de brinquedo. As crianças designaram um espaço apropriado e decidiram construir os diversos móveis que fariam parte da casa.

A professora organizou o trabalho junto com a turma e começou fazendo uma listagem com as crianças de como era a casa de cada uma. Elas desenharam suas próprias casas e depois, coletivamente, decidiram o que teria na casa a ser construída. Teriam, então, espaços designados para a sala, o quarto, banheiro e a cozinha. Feito isso, a professora sugeriu o material para a construção dos móveis, que foram construídos coletivamente para serem colocados na casa de bonecas que existia na creche.

Este trabalho foi interessante, porque reuniu não só conhecimentos do mundo social, como o conhecimento das diversas moradias, dos hábitos e costumes de seus moradores, como também utilizou conhecimentos de matemática, quando as crianças tiveram que dar soluções concretas para a confecção dos móveis.

Na seqüência, a professora discutiu outros tipos de casa com as crianças, através de ilustrações de livros que mostravam moradias em várias partes do mundo. As crianças compararam as próprias casas com casas de diferentes pessoas em países muito frios ou muito quentes e viram que cada uma dessas casas tinha uma função diferente. Discutiram também sobre as pessoas muito pobres que nem têm casas para morar e descobriram o valor da própria casa. Buscaram ainda descobrir sobre os diferentes tipos de móveis que são utilizados nas diversas culturas.

A casa de bonecas, com os móveis construídos pelas crianças, foi utilizada pela turma e por outras turmas durante todo o ano. No dia da inauguração, teve festa para todos da creche e as crianças ficaram orgulhosas de mostrar seu trabalho.

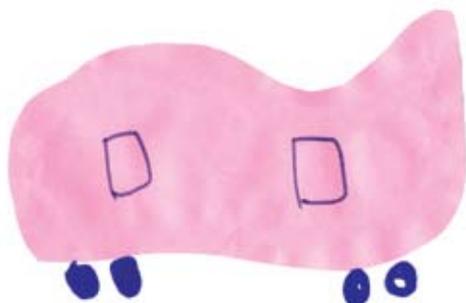
ATIVIDADE 4

Analise as temáticas listadas abaixo, apontando aquelas que você julga pertinentes de serem exploradas com sua turma de crianças. Acrescente outras que julgar adequadas e justifique sua resposta.

- Nossa turma
- Crianças do mundo



- Festas da nossa comunidade
- Brincadeiras dos tempos de nossos avós
- Os parques de nossa cidade
- Brinquedos e brincadeiras



A participação das crianças nas atividades de exploração do mundo social tem grande importância. Você pode saber se uma atividade está sendo bem conduzida ou não só de ver o tipo de engajamento das crianças nas suas propostas. A criança, quando se envolve, cai de corpo e alma no que está fazendo. Quando não gosta, vira as costas. Essa é uma boa medida para avaliarmos se nossa proposta está tendo ou não significado para o grupo de crianças com as quais trabalhamos.

Mas participação não quer dizer apenas fazer o que o(a) professor(a) solicita ou responder o que o(a) professor(a) pergunta. Muitas vezes, a criança parece que está um pouco “longe”, “viajando” na exploração de algum material e, portanto, não está prestando atenção ao que estamos dizendo. Nessa hora, vale a pena a gente parar um pouquinho e fazer o inverso: prestar atenção ao que a criança está fazendo e até perguntar para ela o que a está deixando tão envolvida. Vamos nos surpreender com as respostas. Muitas vezes, elas têm uma capacidade enorme de observar coisas para as quais, no meio de tanta criançada e de tanta dispersão, talvez a gente não dê muita atenção.

O importante é que as crianças tenham possibilidade de participar de diversas maneiras. Criança não aprende ficando quietinha, calando a boca e ouvindo o que falamos com ela. Criança aprende é mexendo, falando, perguntando, experimentando, usando seu corpo. E esse engajamento pressupõe um investimento emocional. Se a criança não está realmente empenhada no que faz, dificilmente estará aprendendo. Não só a criança, mas nós, adultos, também aprendemos muito mais e melhor quando estamos interessados e envolvidos com a proposta.

As atividades de conhecimento do mundo social não param por aí. Você tem diante de si um leque de possibilidades interessantes. Por exemplo, poderá organizar projetos que envolvam o conhecimento do bairro onde a escola está localizada, da comunidade da qual suas crianças fazem parte, conhecendo sua história, suas conquistas, seus problemas, as pessoas que se destacam por algum trabalho comunitário importante, os costumes, as festas e os rituais que ali são celebrados, bem como compará-los com outros de outros lugares, de outros países, de outras culturas. As festas, por exemplo, dizem muito das tradições e costumes de uma dada comunidade. Conhecer sua história e participar efetivamente em sua organização faz com que as crianças aprendam um pouco mais sobre a história de seu grupo social. A história de cada criança, de cada família, também pode fazer parte desse acervo de conhecimento a ser trabalhado. Saber de onde essas famílias vieram, por que se instalaram nessa comunidade, quais são seus projetos, seus sonhos, dá suporte ao processo de construção das identidades das crianças.

Trazemos como exemplo a experiência vivida por um grupo de crianças de 4 e 6 anos na cidade de Embu, no estado de São Paulo.



Priscilla Silva Nogueira



A partir de uma roda de conversa, a professora trouxe a idéia de conhecerem a história da cidade onde viviam, com o objetivo de saber mais sobre a própria história da cidade e de suas famílias. As crianças puderam recontar a história da sua cidade a partir de fotos, produções de desenhos, da arquitetura e do patrimônio histórico, marcos e acontecimentos importantes que projetaram a cidade de Embu como um lugar de produção artística. O resultado do projeto foi um guia feito pelas crianças, com dicas para quem quisesse conhecer o centro turístico da cidade. As crianças produziram muitas coisas: narraram lendas, fizeram desenhos, visitaram museus e marcos históricos da cidade, entrevistaram moradores antigos. Resgataram a história e a tradição oral daquele lugar. Esse projeto está registrado na Revista *Avisa Lá* nº 3, de abril de 2000.

ATIVIDADE 5

Vamos ver se você conhece bem a comunidade em que vive. Pense no trajeto que você faz de sua casa ao seu local de trabalho. Que lugares sociais importantes existem nesse trajeto? (Por exemplo, centros comunitários, lojas, centros de saúde, igrejas, cinemas etc.) Quais deles você conhece pessoalmente? Que lugares sociais importantes ao redor da creche, pré-escola ou escola você conhece? Se há algum projeto, que projetos sociais são desenvolvidos nessa comunidade? Que tipo de envolvimento você tem nesses projetos ou poderia ter? Como as crianças podem participar desses projetos? Anote suas observações no seu caderno para compartilhar com o grupo no encontro quinzenal.

Seção 3 – Estratégias de trabalho pedagógico para apropriação do conhecimento do mundo natural

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:
- CONSTRUIR ESTRATÉGIAS DE TRABALHO PEDAGÓGICO PARA A APROPRIAÇÃO DO CONHECIMENTO DO MUNDO NATURAL.

Na seção anterior, exploramos diversas maneiras de se desenvolver o conhecimento do mundo social. Nesta seção, vamos focalizar o desenvolvimento do conhecimento do mundo natural. Para iniciar, vamos comentar algumas práticas que são muito comuns no trabalho com a Educação Infantil. Uma delas diz respeito a pensar que trabalhar com esse conhecimento ou trabalhar “ciências” é ensinar hábitos de higiene. As crianças recebem instruções como a necessidade de escovar dentes, lavar as mãos antes das refeições, tomar banho todos os dias e por aí afora. Depois ganham folhas mimeografadas para colorir bonequinhos em situações do dia-a-dia, fazendo essas ações de higiene. Assim como no campo do conhecimento do mundo social, o conhecimento do mundo natural vai muito além disso.

Vejamos um exemplo. Uma professora de uma turma de 6 anos desenvolveu um projeto que começou com a seguinte questão colocada pelas crianças: o rato mora na cidade ou na floresta? Esse grupo de crianças já havia demonstrado curiosidade em compreender o habitat dos animais, ou seja, o ambiente em que os animais vivem na natureza. A discussão, que surgiu após a leitura do conto "O rato do campo e o rato da cidade", da autora brasileira Ruth Rocha, fez a turma se dividir em dois grupos: um grupo achava que o rato vivia na floresta e outro achava que vivia na cidade, uma vez que rato come queijo e que não existe queijo na floresta porque é fabricado pelo homem.

Atenta a essa conversa, a professora propôs ao grupo uma investigação sobre o assunto. Assim, começaram um planejamento conjunto: a professora levantou as principais questões das crianças, bem como o conhecimento que elas já possuíam em relação aos diversos ambientes em que os animais vivem. Discutindo o trabalho com outros professores nas reuniões de planejamento, esta professora compreendeu que, para esse grupo de crianças, havia basicamente dois ambientes onde os animais viviam: a floresta e a cidade. Uma possibilidade, então, seria ampliar o conhecimento das crianças em relação aos diferentes habitats que existem no planeta.

De volta para o grupo de crianças, a professora desenvolveu várias atividades interessantes. Inicialmente, organizou com elas uma grande lista dos animais que conheciam e onde elas achavam que esses animais viviam. Depois disso, as crianças tiveram a oportunidade de observar diversos habitats em gravuras de livros e filmes. Essa foi também a oportunidade para conhecerem algumas obras de Cândido Portinari, que mostram diferentes animais em seus habitats, como as que vemos a seguir:



Cândido Portinari, "Enchente no rio Tietê" – 1935
Pintura a óleo/tela – 64 x 54cm



Cândido Portinari,
"A onça" – 1955
Pintura a guache e grafite/papel – 21,3 x 9,3cm
(aproximados)



Candido Portinari, "A flora e a fauna brasileiras" – 1934
Painel a óleo/madeira – 80 x 160cm

A partir dessa observação, as crianças foram convidadas a desenhar animais em seus ambientes. No entanto, a professora observou que as crianças continuavam colocando os animais apenas nas duas categorias já conhecidas – a floresta ou o ambiente doméstico da cidade.

Como prosseguimento do trabalho, a professora propôs quatro atividades que visavam ampliar a visão das crianças: planejou uma visita a uma fazenda que ficava nas proximidades da escola; selecionou livros em que apresentavam animais que viviam no mar, nos rios e nos pólos; trouxe, para a turma assistir, o filme "O rei leão", que mostra animais que vivem nas savanas, e organizou a confecção de uma sala-ambiente, onde as crianças construíram, com sucatas, uma grande árvore e pequenos animais que viviam ao seu redor.

A vivência dessas atividades alterou a forma como as crianças viam o meio ambiente. Além de conhecerem novos habitats e novos animais, elas puderam compreender a fragilidade do ecossistema e a importância de se preservar o lugar onde vivemos. Quanto à questão que gerou toda essa descoberta, as crianças chegaram à conclusão de que havia ratos tanto na floresta quanto na cidade.

A sistematização do trabalho resultou em um grande livro, onde as crianças registraram suas descobertas com o auxílio da professora. Esse livro foi construído durante todo o processo. As crianças armazenavam materiais em um portfólio (desenhos, figuras, textos escritos), que serviu de suporte para a elaboração do livro. No final, apresentaram para outros grupos a dramatização do conto: "O rato do campo e o rato da cidade".

Baseado na fábula de Esopo, “O rato do campo e o rato da cidade”, o conto de Ruth Rocha traz a história do rato da cidade que, cansado da vida agitada, resolve fazer uma visita para o seu amigo do campo. Apesar de bem recebido, o rato da cidade acha que o campo não tem conforto e resolve trazer seu amigo de volta para a cidade grande.



ATIVIDADE 6

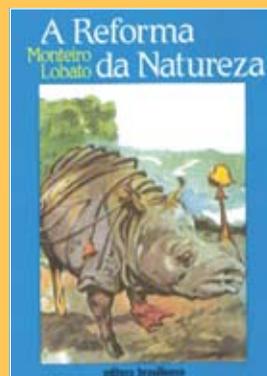
Pensando nos pontos que podem compor um projeto, já apresentados na Unidade 2 deste módulo e ampliados neste texto, como você organizaria, a partir dos itens abaixo, o desenvolvimento desse projeto que acabamos de apresentar? Você pode acrescentar outras idéias, pensar no tempo de duração do projeto, nos espaços, nos materiais. Se achar necessário, releia a Seção 3 do texto de OTP da Unidade 2 deste módulo para realizar esta atividade.

- *Objetivos*
- *O tempo*
- *O espaço*
- *As indagações das crianças*
- *As fontes de conhecimento e pesquisa*
- *Organização das atividades e das crianças*
- *Os materiais*
- *A avaliação*

A investigação do mundo dos animais ainda pode ter mil outras facetas. Como você sabe, as crianças, desde bem pequenas, são fascinadas com os animais domésticos, com bichinhos de jardim, com animais da fazenda, com animais selvagens e mesmo aqueles pré-históricos, os famosos dinossauros.

As plantas também são alvo da curiosidade infantil. A relação com o mundo da natureza é vital para o desenvolvimento do ser humano. Você pode explorar esse contato indo muito além da famosa experiência de plantar o feijãozinho no algodão. Passeios pelas redondezas para observar as plantas do lugar, passeios pelos parques da cidade e construção de um álbum contendo nomes e desenhos das árvores mais comuns na cidade pode ser uma boa forma de introduzir as crianças na exploração dessa temática.

Uma leitura interessante quando estamos curiosos sobre o mundo natural é o livro "A reforma da natureza", de Monteiro Lobato. Dona Benta, Tia Nastácia e o Visconde de Sabugosa recebem um convite para participar da Conferência da Paz, de 1945, como representantes da Humanidade e do Bom Senso. Enquanto isso, no Sítio do Pica-pau Amarelo, a espevitada Emília decide reformar a natureza: troca jabuticabas e abóboras de lugar, torna as borboletas pegáveis, cria livros comestíveis e outras mil renações acontecem no Sítio por conta das mirabolantes idéias da Emília. Nas histórias do Sítio do Pica-pau Amarelo, Monteiro Lobato utiliza o termo "reinações" para indicar que algum dos personagens do Sítio fez alguma travessura ou invenção mirabolante.

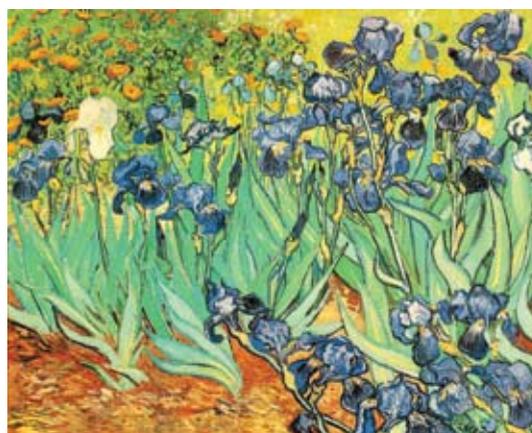


Certa vez, um grupo de crianças de 5 anos colocou como desafio conhecer as diversas flores que existem no mundo. A turma começou conhecendo as flores mais comuns de sua cidade e depois partiu para investigar outras flores exóticas, tanto brasileiras como de outros países distantes.

Uma atividade como esta abre portas para diversas explorações. Você pode, por exemplo, levar a criança a observar diferentes flores e fazer alguns desenhos de observação. São desenhos ou pinturas que elas fazem observando diretamente aquilo que querem desenhar. Você poderá se surpreender com a capacidade das crianças representarem aquilo que vêem.



Van Gogh – 1888
"Doze girassóis num vaso"



Van Gogh – 1889
"Os lírios"

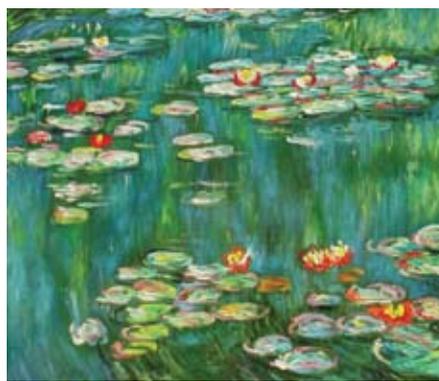
Outra forma de explorar essa temática é levá-las a observar obras de arte cujos artistas se dedicaram a representar flores através da pintura. Estaremos, assim, abordando essa temática através do conhecimento estético.

Observe os girassóis e os lírios de Vincent Van Gogh, pintor holandês que viveu entre 1853 e 1890. Van Gogh fez uma coleção só de girassóis. Van Gogh teve uma vida muito conturbada e acabou morrendo sem conhecer a fama.

A seguir, vemos uma foto do Jardim de Claude Monet, pintor francês que viveu entre 1840 e 1926. Como já vimos em outras unidades, Monet é famoso por suas obras de arte e, também, porque cultivou um jardim em sua casa, especialmente para pintar flores, tamanha paixão que ele tinha por elas. Na outra foto, você pode ver uma das pinturas que ele fez observando o próprio jardim.



O jardim do artista em Giverny, no outono



Claude Monet, "Ninféias" – 1914

Se você tem acesso à internet, pode acessar o site <http://giverny.org/monet/welcome.htm> para saber mais sobre Monet, sua vida e obra.

Na Unidade 5 deste módulo, você teve contato com a arte enquanto a possibilidade de entrarmos em contato com uma imagem mais rica, mais viva e mais colorida da realidade. Aqui trazemos a possibilidade de, através da arte, conhecer o mundo natural e social na expressão de artistas como Monet, Van Gogh, Portinari, dentre tantos outros.

Você pode levar as crianças a conhecerem também a natureza de diversas formas: experiência direta em visitas a parques e jardins; consulta a livros informativos, conhecendo seus aspectos importantes; registro de suas formas próprias de interagir com a natureza em desenhos e observação das obras de artes, verificando como outras pessoas interagiram com a natureza. Essa é uma boa maneira de realizar um trabalho junto com as crianças na produção do conhecimento do mundo natural.

Outro aspecto do mundo natural que pode ser explorado com as crianças é o conhecimento físico, ou seja, o conhecimento de como as coisas funcionam na natureza. Você já reparou como as crianças, principalmente aquelas entre 4 e 6 anos, querem saber o porquê de tudo? Na brincadeira, elas exercitam sua capacidade de lidar com os fenômenos que não conhecem e indagar sobre sua produção. Por que alguns objetos que são colocados na água afundam e outros flutuam? Por que um saco plástico fica “gordo” quando sopramos dentro dele, já que olhamos para ele e não vemos nada? Como se faz para acender uma lâmpada? O que será que acontece se misturarmos água, pó de anilina, álcool e vinagre dentro de uma garrafa? Essas e outras questões fazem parte de uma curiosidade específica da criança, ou seja, de um desejo de saber como o mundo natural funciona e se transforma ou é transformado pelo homem.

Você pode desenvolver muitas atividades aproveitando o entusiasmo de sua turma para descobrir os efeitos que esses fenômenos produzem. Vamos explorar, rapidamente, algumas dessas possibilidades.

Brincando com o ar

Leve diversos materiais para a sala de aula, como sacos plásticos de vários tamanhos, balões, canudinhos e materiais que possam ser soprados. Deixe as crianças explorarem os materiais. Certifique-se de que há material bastante para que todas as crianças possam manipular. É difícil para a criança ficar na fila esperando sua vez de pegar no material. Observe as ações que elas produzem e vá apoiando essas ações pontuando suas descobertas, fazendo com que as outras crianças também observem o que o(a) colega descobriu.

Você pode, também, lançar desafios, como “pegar” o ar com um grande saco plástico, fazer o balão “voar”, soltando-o depois de bem cheio, fazer um balão “apitar”, colocando um pequeno apito na “boca de um balão” (tipo bola de festa de aniversário) cheio de ar. Com essas atividades, as crianças estarão em contato com algumas idéias sobre o ar, por exemplo, que ele ocupa espaço, que exerce pressão e empurra objetos. Porém, não tenha preocupação em querer que as crianças expliquem cientificamente o que estão observando.

ATENÇÃO!

- Mais importante que adquirir idéias ou conceitos científicos sobre o mundo físico, é o engajamento das crianças em uma atividade que exige observação, levantamento de hipóteses, comparação, comunicação e outras importantes habilidades para a investigação do conhecimento científico.

Outra coisa que você pode fazer é construir um barquinho para navegar através da propulsão do ar.

Construção de barquinho movido a ar

1. Pegue uma garrafa de plástico (pode ser garrafa de refrigerante) e corte-a no sentido horizontal, conservando seu fundo.
2. Faça um furo no fundo da garrafa de maneira a poder passar um canudinho de refrigerante.
3. A tarefa consiste em dar para cada grupo de crianças uma dessas garrafas, que agora virou barquinho, um canudinho de refrigerante, um balão e uma fita crepe. Elas poderão montar o barco da seguinte forma:
 - passar o canudinho através do furo no fundo da garrafa;
 - pregar o balão com a fita crepe na parte do canudo que fica no interior do barco;
 - soprar o balão através do canudo e colocar o barco para "navegar" em um grande recipiente de plástico.

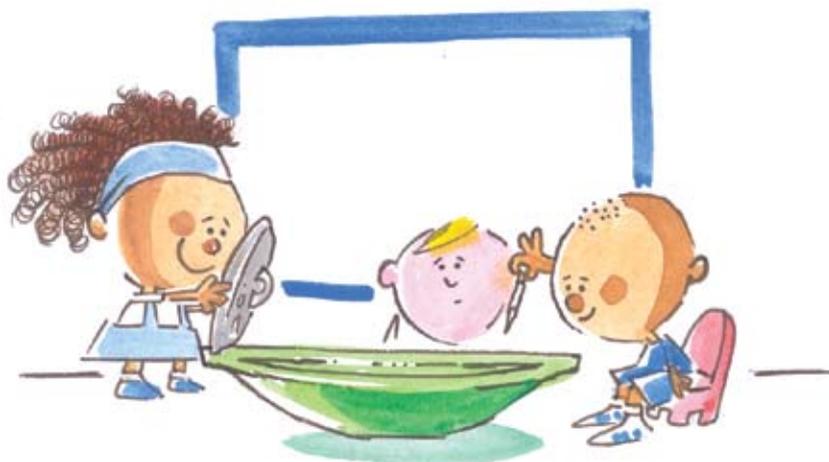
O ar que está no balão sai pelo canudinho, fazendo o barquinho navegar.



Brincando com água

As brincadeiras com água dão margem a diversas explorações. Você pode explorar primeiramente a observação de objetos que flutuam e afundam. As crianças podem catar, no pátio da escola, vários materiais, como gravetos, folhas e pedrinhas, e fazer suas experiências. Os resultados podem ser registrados, por exemplo, em cartazes: em um deles, colocam-se os objetos que afundam e em outro, aqueles que flutuam. Numa exploração como esta, num grupo de 4 anos, as crianças manifestaram dúvidas sobre o comportamento de determinados objetos. Não estavam certas se os objetos flutuavam ou afundavam. Então, a professora acrescentou outro cartaz para as dúvidas. Uma das dúvidas que as crianças tiveram foi com relação a um guardanapo de papel que começou flutuando e, à medida que foi ficando mais molhado, afundou. Esse fenômeno chamou muito a atenção das crianças, que começaram a observar outras coisas interessantes.

Para desafiar o grupo a avançar nesse tipo de observação, você pode selecionar alguns materiais anteriormente e trazer para serem testados em sala. Uma forma de trabalhar com a previsão pode ser pedir que as crianças escolham um dos materiais e depois que façam um desenho expressando sua hipótese: esse material irá afundar ou flutuar? Depois disso, elas podem testar as hipóteses colocando os objetos em uma bacia com água. O curioso dessa atividade é que as crianças acabam observando que alguns objetos, dependendo da forma como são colocados na água, flutuam ou afundam. Isso aconteceu nessa turma de 4 anos que apresentamos. Uma das crianças tinha previsto que sua tampa de panela ia afundar. Entretanto, ao colocá-la na água com muito cuidado, a tampa flutuou. As crianças discutiram sobre isso e, depois, quando a mesma criança foi retirar a tampa da água, esta acabou afundando, porque entrou água nela. O fenômeno chamou a atenção de todos, que ficaram muito curiosos com o comportamento daquele objeto. Uma criança, então, acabou dando a seguinte explicação para o que observou: “a água não conseguiu mais segurar a tampa e ela afundou”.



Como você pode observar, essas são maneiras criativas de se explorar fenômenos do mundo físico. Aqui, por exemplo, não há a menor necessidade de trabalharmos os conceitos da física com crianças bem pequenas. Isso seria totalmente inadequado. Por outro lado, vivenciando essas experiências, as crianças vão construindo outro olhar para o mundo que está ao seu redor.

Luz e sombra: construindo um teatro de sombras

Outra atividade interessante a ser explorada com crianças de 3 a 6 anos é com a luz e sombra. As crianças podem começar observando suas próprias sombras projetadas no pátio, em diversos momentos do dia. O(a) professor(a) pode registrar as observações das crianças montando um quadro como o que se segue:

Dia e horário	Nossas observações
27 de maio à uma hora da tarde	Vimos nossa sombra bem forte e pequena. Muitas crianças descobriram que podem fazer um teatrinho de sombras usando as mãos.
30 de maio às 5 horas da tarde	Hoje a nossa sombra estava bem grande e mais fraquinha. Nossas mãos ficaram enormes e não estava dando pra ver direito o teatrinho de sombras.

Esses são exemplos de como você pode criar algumas possibilidades de registrar o que as crianças vão descobrindo. Depois você pode introduzir a luz de uma lanterna e descobrir a trajetória da luz, explorando a lanterna em uma sala escura. Além de o(a) professor(a) demonstrar como fazer, é importante que as crianças possam pegar na lanterna e fazer suas próprias explorações. Elas podem explorar as sombras dos(as) colegas e também de objetos que estejam na sala.

Ao final, você pode organizar um teatro de sombras, utilizando uma história já conhecida das crianças ou mesmo criando uma história coletiva com a turma. As crianças poderão desenhar, recortar e colar seus personagens em varetas e depois apresentar o teatro para outras turmas. Esse recurso foi apresentado na Unidade 4 deste módulo, no texto de FE, a partir do movimento corporal. Veja esta outra sugestão:



No teatro de sombras, figuras que se movimentam são projetadas em uma tela com a ajuda de uma fonte de luz posicionada atrás dessa tela. Para apresentar às crianças essa técnica chinesa criada há mais de 2 mil anos, você vai precisar de materiais como papelão, papel-manteiga (ou outro material opaco, como um pano de lençol) e um abajur ou uma lanterna.

Essa técnica está na Revista Nova Escola, nº 181, abril de 2005. Você pode também acessar o site: revistaescola.abril.com.br/ed_anteriores/0181. Teatro de sombras.

Assim como as atividades de conhecimento do mundo social, as atividades do mundo natural também apresentam um leque enorme de possibilidades de trabalho. Você pode, por exemplo, observar momentos em que as crianças brincam no pátio, na areia ou nos brinquedos e explorar as relações que elas estabelecem quando se divertem balançando nas gangorras, escorregando no escorregador, rodando pneus. As crianças podem, por exemplo, ser desafiadas a trabalhar com equilíbrio de seu corpo nos brinquedos ou mesmo buscar o equilíbrio, fazendo uso de materiais como toquinhos, latas, copos de plástico e outros disponíveis.

Tema também bastante sugestivo para as crianças entre 5 e 6 anos é o Universo. Frequentemente elas colocam questões sobre a origem do nosso planeta e outras, frutos da observação que fazem do céu no cotidiano. É muito comum ouvirmos questões como: “Para onde vai o sol quando chega a noite?”, “O que acontece com as estrelas quando chega o sol?”, “Por que existem quatro luas diferentes?”, “Como surgiu nosso planeta?”, “A gente mora dentro ou fora da Terra?”. Essas questões remetem à nossa origem e fazem parte da necessidade da criança de se situar no mundo que a rodeia. Você pode organizar projetos de trabalho que busquem satisfazer a curiosidade delas. Uma boa maneira de se trabalhar com temas tão abstratos é convidar as crianças a observarem o céu. Inicialmente, você pode levantar todos os conhecimentos que elas já possuem sobre o assunto, anotar todas as questões que fazem parte da curiosidade do seu grupo e organizar, junto com as crianças, algumas atividades que possam expandir o conhecimento que elas já detêm. Por exemplo, você pode organizar uma forma de observar o céu durante o tempo em que as crianças passam na creche, pré-escola ou escola e registrar essa observação. Com isso, o grupo pode descobrir parte da trajetória do sol.

Outros conhecimentos sobre nosso Sistema Solar, bem como sobre o Universo, podem vir através de livros próprios para crianças, de vídeos, visita a um observatório (caso haja algum em sua cidade ou numa cidade próxima) ou mesmo através de uma conversa com pessoas que conhecem o assunto. Você pode registrar as descobertas das crianças em livros, murais ou fotografias.

Certa vez, em uma turma de crianças de 5 anos, a professora construiu, junto com elas, um grande painel com o Sistema Solar. Esse painel foi construído gradativamente. Primeiro, a professora colocou o sol e cada planeta foi adicionado à medida que as crianças obtinham informações sobre cada um deles. Essa foi uma atividade bem prazerosa e que ampliou, e muito, o conhecimento que as crianças já tinham sobre nosso Sistema Solar. Outras oportunidades de trabalho surgem quando as crianças se interrogam sobre fenômenos da natureza: “Por que chove?”, “Por

que o céu faz barulho?”. Assim como no caso do Universo, você pode organizar a investigação dessas questões através de atividades que tenham significado para elas. O importante é não deixar a curiosidade das crianças adormecer.

Estamos finalizando esta unidade. As sugestões de atividade que aqui foram apresentadas fazem parte de um acervo que temos trabalhado com as crianças da Educação Infantil. São apenas sugestões para que você possa usar sua imaginação e criar outras possibilidades a partir dessas. O importante é você ter em mente que crianças nessa faixa etária estão vivenciando o mundo com seu corpo, sua mente e suas emoções. Mais importante que trabalhar determinadas noções acerca da sociedade ou do mundo científico é as crianças construírem, gradativamente, sua compreensão do universo que habitam, observando, perguntando, levantando hipóteses, buscando outras informações, explorando, experimentando, confrontando com suas idéias e registrando suas descobertas.

PARA RELEMBRAR

- É papel do(a) professor(a) apoiar as curiosidades e descobertas das crianças, construir um ambiente no qual a criança pode se desenvolver e interferir no processo que está em andamento, colocando questões, fazendo sugestões e trazendo novos recursos para serem explorados.
- Vivenciando práticas de cuidado, as crianças aprendem os valores da nossa sociedade e aprendem a se autocuidar.
- As crianças participam das atividades falando, mexendo, usando o corpo. O engajamento nas atividades pressupõe um investimento emocional.
- As crianças aprendem quando ampliam suas formas de participação nas atividades concretas, dentro das comunidades educativas.
- Mais importante que construir conceitos científicos sobre o mundo físico é o engajamento das crianças em uma atividade que exige observação, levantamento de hipóteses, comparação, comunicação e outras habilidades importantes para a investigação do conhecimento científico.



ABRINDO NOSSOS HORIZONTES

A prática pedagógica é algo que se recria a todo o momento em que dela participamos. Você, como professor(a), terá de reinventar sua prática a partir das discussões com seus colegas e da leitura de livros que procuram inovar, uma vez que muitos de nós passamos por escolas arcaicas e tivemos um percurso escolar centrado no conteúdo, com pouco espaço para a descoberta, a construção do conhecimento e o contato com a diversidade da(s) cultura(s) que nos rodeia(m).

No entanto, experimentando novas possibilidades, você verá que é muito mais agradável trabalhar de forma dinâmica e desafiante, porque o desafio não é só para a criança, mas também para todos nós.

No trabalho com a exploração do mundo social e natural, o importante é deixar as crianças participarem daquilo que elas mesmas propõem ou do que você está propondo. Fazer atividades em que só você pega nos materiais para demonstrar não é uma boa forma de trabalhar. Deixar as crianças sentadas por muito tempo esperando a vez de poder olhar com a lupa, por exemplo, também não é adequado. O melhor mesmo é colocar os materiais nas mãos delas para que possam aprender a ter domínio sobre eles. E lembre-se: é só fazendo que se aprende.

GLOSSÁRIO

Ecosistema: conjunto dos relacionamentos que envolvem todo o ambiente: a fauna, a flora, os microorganismos que nele habitam e que promove o equilíbrio geológico, atmosférico, meteorológico e biológico.

SUGESTÕES PARA LEITURA

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil: conhecimento de mundo*. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 3.

CAVALCANTI, Zélia (coord.). *Trabalhando com história e ciência na pré-escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

HIRSCH, Sonia. *Boca feliz e inhame, inhame*. São Paulo: Correcotia.

LOBATO, Monteiro. *A reforma da natureza*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

_____. *História do mundo para crianças*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MATA, Speranza França da. *Educação ambiental: compromisso com a sociedade*. Rio de Janeiro: Ed M2, 1999.

ROCHA, Ruth. *O rato do campo e o rato da cidade*. São Paulo: FTD, 1998.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVISA LÁ. Revista para a formação de professores de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Publicação trimestral Crecheplan. Ano I, nº 3, abril de 2000.

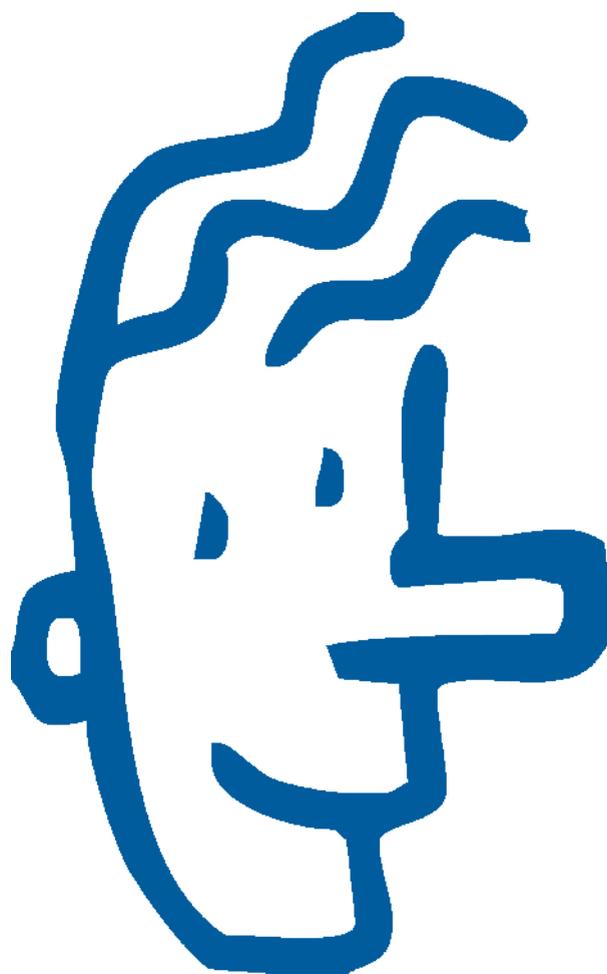
BANDEIRA, Pedro. *Vai já pra dentro, menino!*. In: BANDEIRA, Pedro. *Mais respeito, eu sou criança!*. São Paulo: Moderna, 2002. p. 18, 19.

GOULART, M. I. *A dimensão processual na prática da Educação Infantil*. In: *Presença Pedagógica*. Dimensão: Belo Horizonte, 1999.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Uma didática da invenção*. In: MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores contos do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 309.

REVISTA NOVA ESCOLA. Nº 181, abril de 2005. Fundação Victor Civita. São Paulo: Editora Abril, 2005.

C - ATIVIDADES INTEGRADORAS





Nesta Unidade 7 do Módulo IV você esteve em contato com muitas sugestões para o trabalho com o conhecimento do mundo físico e social.

Assim, ao final do estudo desta Unidade 7, desejamos que você possa refletir sobre as possibilidades de, junto com as crianças, buscar o conhecimento do mundo social e natural de modo crítico e consciente, sabendo que vivemos num mundo que nós mesmos idealizamos e construímos. Lembramos que o importante é o engajamento das crianças em uma atividade que exige observação, levantamento de hipóteses, comparação, comunicação e outras habilidades fundamentais para a investigação do conhecimento científico.

Esse é um campo de muitas descobertas e construção de conhecimentos para as crianças na Educação Infantil. Quanto mais você estiver informado(a) sobre essas possibilidades, mais poderá desafiar as crianças a descobrirem e a se sensibilizarem com o mundo à sua volta. Como aprendemos com o diálogo de Emília e Dona Benta, há dois modos de saber do mundo à nossa volta:

- *Um é vendo, pegando, cheirando, quando as coisas estão diante de nós.*
- *Outro é imaginando, ou adivinhando, ou inferindo.*

Nosso desejo é que neste curso do PROINFANTIL você tenha descoberto e compartilhado muitas coisas com as crianças e com os(as) professores(as) que trabalham na sua creche, pré-escola ou escola. Esta etapa está terminando, mas você deve prosseguir estudando e buscando ampliar os horizontes da sua prática pedagógica, transformando antigos conhecimentos e procurando novos caminhos. E, se algum obstáculo surgir, como diz a música: *tente outra vez!*

Orientações para o encontro quinzenal

Antes do encontro quinzenal

- *Releia os textos de FE e OTP da Unidade 7, anotando suas dúvidas, questionamentos e comentários a serem compartilhados com o grupo no encontro quinzenal.*

- *Após essa leitura, volte às Atividades 2 e 5 do texto de OTP. Você pode fazer um cartaz destacando os lugares importantes da sua comunidade, trazer informações sobre projetos desenvolvidos que envolvam o conhecimento do mundo natural e social.*

Durante o encontro

- *Poderá ser organizada uma exposição dos cartazes e materiais com as informações sobre os projetos.*
- *Além disso, o grupo poderá ser dividido em dois. Um grupo discutirá as possibilidades de trabalhar com o conhecimento do mundo natural e o outro grupo as possibilidades de trabalhar com o conhecimento do mundo social, a partir do que observaram na sua creche, pré-escola, escola ou comunidade.*
- *Para terminar, cada grupo poderá compartilhar suas idéias, desejos e intenções. Pode ser, também, que o grupo se mobilize para participar coletivamente de algum projeto, ou ainda, quem sabe, iniciar um novo projeto na sua instituição ou comunidade.*

Após o encontro

- *A partir das sugestões apresentadas no encontro, você pode levar, para a sua creche, pré-escola ou escola, o desafio de desenvolver ou participar de algum projeto.*

